

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA BEATRIZ DA SILVA SANTOS**

**O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A  
PRÁTICA DOCENTE DO ESTAGIÁRIO DE PEDAGOGIA NA  
PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS**

**JOÃO PESSOA - PB,**

**2019**

**MARIA BEATRIZ DA SILVA SANTOS**

**O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A  
PRÁTICA DOCENTE DO ESTAGIÁRIO DE PEDAGOGIA NA  
PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a  
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Elzanir dos Santos

JOÃO PESSOA - PB,

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237e Santos, Maria Beatriz da Silva.

O estágio nos anos iniciais do ensino fundamental: a prática docente do estagiário de pedagogia na perspectiva de diferentes sujeitos / Maria Beatriz da Silva Santos. - João Pessoa, 2019.

97 f. : il.

Orientação: Elzanir dos Santos.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Estágio. Componente curricular. Formação docente. I. Santos, Elzanir dos. II. Título.

UFPB/BC

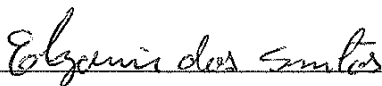
## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARIA BEATRIZ DA SILVA SANTOS

### **O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA DOCENTE DO ESTAGIÁRIO DE PEDAGOGIA NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS**

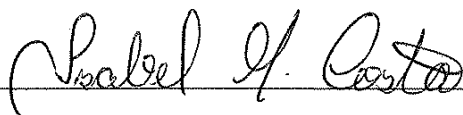
Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia  
pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:

#### **BANCA EXAMINADORA**



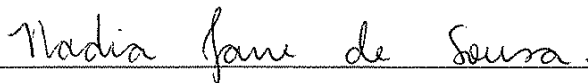
Prof<sup>ª</sup>. Dra. **Elzanir dos Santos**

Orientadora – UFPB/CE/DME



Prof<sup>ª</sup>. Dra. **Isabel Marinho da Costa**

Avaliadora – UFPB/CE/DME



Prof<sup>ª</sup>. Dra. **Nádia Jane de Souza**

Avaliadora – UFPB/CE/DHP

JOÃO PESSOA - PB

2019

## **AGRADECIMENTOS**

É com muita satisfação que agradeço a todos aqueles que fizeram parte, direta ou indiretamente para a construção deste trabalho, contribuindo para minha formação profissional e pessoal.

Primeiramente, agradeço a Deus por essa conquista. A meus familiares, e colegas com quem vivenciei ao longo do curso, que sempre se esforçaram na sua caminhada e juntos compartilhamos desejos, sonhos e aspirações particulares, mas com um mesmo objetivo em comum, tornar uma educação melhor para todos.

Agradeço às minhas queridas amigas Larissa de Lima e Valúcia Vênus, que sempre me ajudaram, emanando esforços quando eu precisava, fortalecendo meus passos nessa caminhada, marcando presença significativa, com pensamentos e palavras positivas ao longo desse percurso.

Sou grata a minha orientadora Elzanir dos Santos que me guiou nesse estudo, e me conduziu a escolha do tema, sempre sendo agradável e inspiradora, e pela qual tenho admiração. Agradecendo também a todos os professores de cada disciplina que cursei, cada um, com seu modo único de ensinar e envolver o aluno, contribuíram para minha formação docente.

## RESUMO

O tema deste estudo é o papel do Estágio na formação do Pedagogo e indaga sobre a atuação do estudante de Pedagogia no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo geral constitui-se da análise das percepções de diferentes sujeitos envolvidos no Estágio, enfocando uma autorreflexão acerca da minha vivência, bem como a perspectiva das professoras supervisoras, de professores, orientadores e das crianças, junto as quais desenvolvi meu Estágio. Nos objetivos específicos busquei identificar a percepção dos professores/supervisores e orientadores de Estágio acerca da importância desse componente curricular; caracterizar a relação das crianças com as atividades propostas e desenvolver uma autorreflexão acerca da minha atuação no Estágio. Assim, problematizo nesse trabalho o desenvolvimento dessa prática na realidade das escolas. Este estudo amparou-se em autores como Pimenta e Lima (2011), Zabala (1988), Moran (2015) e Berbel (2011), dentre outros. Como metodologia, foi utilizada a abordagem qualitativa, com o uso de ferramentas como observação participante, entrevista semiestruturada e roda de conversa. A observação realizou-se em uma turma de 4º ano, e as entrevistas foram realizadas com dois professores supervisores e dois professores orientadores de Estágio. A análise dos dados evidenciou que os/as professores (as) supervisores (as) ressaltaram a importância do Estágio para a formação docente e para as trocas entre estagiários e professores/as, mas apontam a necessidade de que haja mais tempo para o desenvolvimento das atividades e que elas tenham mais continuidade. Os professores orientadores (as) apresentam a concepção de que o Estágio contribui para a aproximação entre teoria e prática, para a construção da identidade docente, bem como possibilita uma relação de parceria com a escola e ainda possibilita desenvolver a postura investigativa. Quanto à percepção das crianças acerca da minha atuação no Estágio, eles avaliaram positivamente, destacando as atividades realizadas a partir de jogos, brincadeiras, vídeos. O que aponta a importância do professor diversificar as atividades e os meios de ensino. Portanto, conclui-se que o Estágio, embora apresente lacunas que precisam ser superadas, contribui em múltiplas dimensões para a construção da identidade docente do pedagogo.

**Palavras chave:** Estágio. Componente curricular. Formação docente.

## ABSTRACT

The theme of this study is the role of the Internship in Pedagogue formation and inquires about the performance of the student of Pedagogy in the Supervised Internship of the Elementary Years. The general objective is the analysis of the perceptions of different subjects involved in the Internship, focusing on self-reflection about the experience, as well as the perspective of the supervising teachers, teachers and children, with whom I developed my Internship. In the specific objectives I tried to identify the perception of the teachers / supervisors and trainees of the importance of this curricular component; characterize the relationship of the children with the proposed activities and develop a self-reflection about my performance in the Internship. Thus, I problematize in this work the development of this practice in the reality of schools. This study was supported by authors such as Pimenta and Lima (2011), Zabala (1988), Moran (2015) and Berbel (2011), among others. As a methodology, the qualitative approach was used, with the use of tools such as participant observation, semi-structured interview and informal conversation. The observation was carried out in a 4th grade class, and the interviews were carried out with two supervisors and two trainee teachers. Data analysis showed that supervisors emphasized the importance of Internship for teacher training and for exchanges between trainees and teachers, but point out the need for more time for the development of activities and have more continuity. The teachers present the idea that the Internship contributes to the approximation between theory and practice, to the construction of the teaching identity, as well as to a partnership relationship with the school and also enables the development of the research posture. As for the perception of the children about my performance in the Internship, they evaluated positively, highlighting the activities performed from games, games, videos. What points to the importance of the teacher to diversify the activities and the means of teaching. Therefore, it is concluded that the Stage, although presenting gaps that need to be overcome, contributes in multiple dimensions for the construction of the educational identity of the pedagogue.

**Keywords:** Internship. Curricular component. Teacher training.

## **LISTAS DE FIGURAS**

**Figura 1:** Alunos manipulando o material

**Figura 2:** Alunos assistindo ao vídeo

**Figura 3:** História infantil sobre diversidade

**Figura 4:** Lista com nomes dos alunos

**Figura 5:** Alunos no pátio

**Figura 6:** Jogo da argola

**Figura 7:** Alunos assistindo ao vídeo

**Figura 8:** Exposição do conteúdo

**Figura 9:** Contato com o material

**Figura 10:** Alunos realizando atividade em grupo

**Figura 11:** Alunos na avaliação da regência

**Figura 12:** Avaliação dos materiais usados

**Figura 13:** Momento de despedida

**Figura 14:** Convite

**Figura 15:** Alunos no campeonato



## **LISTA DE SIGLAS/ ABREVIATURAS**

CONSEP – Conselho Comunitário de Segurança Pública

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

PPP – Projeto Político Pedagógico

PB – Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTANDO O OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ALGUMAS NOÇÕES ACERCA DO TEMA.....</b>	<b>16</b>
2.1. Objetivos do Estágio e legislação.....	16
2.2. Estágio e dilemas da escola.....	20
2.3. O Estágio para a formação docente.....	22
2.4. Estágio como pesquisa.....	25
2.5. O Estágio como possibilidade de inovação das práticas docentes.....	28
<b>3. COMO SE CONSTITUIU O FAZER DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
3.1. Tipo de pesquisa.....	32
3.2. Local da pesquisa.....	33
3.3. Instrumento de coleta de dados.....	34
3.3.1 Observação participante.....	34
3.3.2 Roda de conversa.....	35
3.3.3 Entrevista semiestruturada.....	37
3.4. Participantes da pesquisa.....	38
Autorreflexão.....	38
3.5. A escola escolhida.....	39
<b>4. MINHA VIVÊNCIA NO CAMPO DE ESTÁGIO.....</b>	<b>41</b>
4.1. Observação.....	42
4.2. A regência: meus feitos e aprendizagens.....	50
4.3. A regência na perspectiva das crianças.....	67
<b>5. CONCEPÇÕES DE ESTÁGIO DOS PROFESSORES.....</b>	<b>72</b>
5.1. Concepção de Estágio de dois professores supervisores.....	73

5.2. Concepção de Estágio de dois professores orientadores.....	81
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE C – JOGO “CARA A CARA”.....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE D – TAREFA SOBRE O CONTO.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE E – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE F – RELÓGIO.....</b>	<b>101</b>



## 1 APRESENTANDO O OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho indaga sobre a atuação do estudante de Pedagogia no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sob a ótica dos sujeitos envolvidos - estagiário, professores supervisores, professores orientadores e estudantes da escola campo, enfocando as estratégias e atividades pedagógicas desenvolvidas na regência. Diante disso, o presente trabalho busca analisar a minha vivência no Estágio, problematizando a respeito do desenvolvimento dessa prática na realidade das escolas.

Pimenta e Lima (2006) alertam que o estágio se reduz em grande parte, na perspectiva dos alunos de cursos de graduação, como uma observação de professores em sala de aula e a imitação desses modelos, reduzindo assim, a atividade docente apenas ao fazer, privada de uma análise crítica da realidade propriamente dita, na qual o ensino se processa.

No entanto, segundo as mesmas autoras, o Estágio pode ser um campo de pesquisa, tornando-se uma possibilidade de formação, desenvolvimento e capacitação do estagiário como futuro professor, desenvolvendo habilidades, estratégias e posturas de um pesquisador perante as situações observadas na escola, já que ao mesmo tempo em que ele procura compreender, também problematiza as ações dos sujeitos e permite assim, a ampliação da análise dos contextos.

Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as percepções dos sujeitos envolvidos no Estágio Supervisionado dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, acerca das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado. Como objetivos específicos: caracterizar a percepção dos professores e orientadores de Estágio acerca da importância desse componente curricular, bem como caracterizar a visão da turma junto a qual desenvolvi o Estágio e sua visão acerca das atividades propostas; e por fim, desenvolver uma autorreflexão acerca da minha atuação no estágio, enfocando as contribuições deste componente curricular para a formação profissional do pedagogo, a partir da minha experiência.

A escolha do tema partiu da vivência nos componentes curriculares Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental III e IV. Nestas vivências foi possível observar que a realidade das escolas, campo de Estágio ainda mantém o ensino baseado, nos conteúdos presente nos livros didáticos, contribuindo assim para tornar o ensino sem atrativos para os alunos. Embora, a professora tenha utilizado durante o período de observação atividades

alternadas, mas fragmentadas, o que confirma o relato dos alunos, de que as aulas são cansativas.

Em contrapartida, durante o período da regência, em meus estágios, observava que as crianças desenvolviam outra relação com as aulas e atividades. Daí comecei a indagar acerca das razões para isto. Compreendendo que o Estágio resulta da contribuição dos vários sujeitos envolvidos no processo, isto me fez refletir sobre a importância de ouvir a perspectiva das docentes supervisoras e das professoras orientadoras de Estágio, como também das crianças, a respeito das práticas docentes dos estagiários de Pedagogia que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além da minha análise sobre minha atuação.

Essa percepção da pesquisa, voltada também para o olhar das crianças, se deu pelo fato de considerá-las sujeitos fundamentais para um bom desenvolvimento do Estágio. Vale destacar que foi através do Estágio que consegui trazer um pouco de tudo que aprendi ao longo do curso. Os conhecimentos aprendidos, em seu decorrer me ajudaram a propor atividades que pudessem ser contextualizadas com a realidade das crianças, abrangendo os conteúdos previstos no programa curricular da escola e no livro didático, utilizado pela professora, objetivando não perder o direcionamento da aprendizagem deles, mas com um tema escolhido por mim, sob orientação da professora orientadora de Estágio, e aceito pela professora da turma.

Diante disso, a motivação para a pesquisa decorreu da necessidade de ampliar o olhar sobre as concepções de Estágio a partir da visão dos diferentes sujeitos envolvidos no processo e teve origem através da minha autorreflexão durante a semana de regência, isto é, nas práticas e estratégias pedagógicas que o exercício da docência, como estagiária, exige e a necessidade de confrontar várias perspectivas sobre o tema. As crianças são o foco da aprendizagem e os professores/supervisores e orientadores trazem suas visões acerca das práticas formadoras para o exercício da docência, contextualizadas, aprimoradas e aprendidas no campo de estágio, confrontando assim, perspectivas, conclusões e reflexões desses sujeitos, enriquecendo esse campo vasto de experiências e saberes historicizados, em consonância com minha vivência, reflexões e percepções construídas ao longo da regência.

Minha avaliação quanto ao campo de Estágio possibilitou que eu pudesse perceber como a interação do professor e do estagiário com os alunos é importante no processo de ensino e aprendizagem, porque é a partir disso que eles podem se sentir acolhidos e respeitados por àquele que ainda se apresenta, para muitos deles, como uma referência de adulto e de apoio. Portanto, na medida em que são ouvidos, podem sentir vontade de

aprender, perguntar, questionar sobre algo, até mesmo com alguém que não está presente com eles todos os dias como, o (a) estagiário (a).

Desse modo, quando o professor responde às suas expectativas, os estudantes comemoram, sentem-se com mais força de vontade para aprender, buscam novas experiências, novas formas de ver as coisas e quando conseguem perceber isso, sentem-se maravilhados pela grandiosidade do entendimento acerca de um tema, a partir da contextualização com sua realidade. Durante a semana de regência eles “cobravam” aulas mais divertidas, com jogos, brincadeiras, vídeos pois, segundo eles, as aulas não ficariam “chatas” e eles teriam mais vontade para aprender. Sendo assim, pude levar esses recursos de modo a atingir as expectativas deles, me sentindo compensada com a participação e envolvimento de todos.

Dessa forma, avalio o estágio como uma formação que ajuda a aprimorar os saberes pedagógicos, os saberes da experiência e dos saberes disciplinares, através do contato direto com os alunos, utilizando metodologias educacionais direcionadas a um fazer pedagógico que está sempre em movimento, em aperfeiçoamento, porque inacabado. Desse modo, a docência experimentada no Estágio Supervisionado ganha destaque, quando propicia a coleta de dados, via observação e participação, regência de aulas, elaboração de planos de aula e material didático, uma vez que tais ações permitem que o formando, sinta-se cada vez mais próximo ao das situações que caracterizam o ambiente e o exercício da docência. Assim, a motivação, o entusiasmo e as expectativas dos formandos vão além da transmissão de conteúdos e conseguem estimular os alunos a ter mais interesse pelas aulas, em contraposição à rotina repetitiva no cotidiano das aulas.

A partir disso, essa pesquisa visou contribuir para ampliar os estudos sobre o tema, pois, buscou elucidar a visão dos diferentes atores envolvidos no Estágio, enfocando as influências deste componente curricular para a formação e construção da identidade docente do Pedagogo.

Para os profissionais docentes, a pesquisa intencionou algumas reflexões acerca de como o professor pode e deve proceder no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos, tendo em vista práticas pedagógicas mais significativas para os estudantes, ao elencar propostas e estratégias pedagógicas, mais dinâmicas, flexíveis e atrativas. Assim, o presente trabalho apresenta-se com uma estrutura, que inicialmente, traz uma breve exposição sobre o objeto de estudo da pesquisa, encaminhando-se para o referencial teórico, organizado em dois capítulos intitulados: “Estágio Supervisionado: algumas noções acerca do tema” e “Minha vivência no campo de Estágio”. Em seguida, no capítulo 3, apresento os procedimentos

metodológicos utilizados, e no capítulo 4 apresento as análises e interpretação dos dados da pesquisa. E, por fim, estão as considerações finais deste trabalho.



## **2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ALGUMAS NOÇÕES ACERCA DO TEMA**

Permitir que o fazer docente seja delineado de forma investigativa, urge de mecanismos necessários na tentativa de mediar as ações, uma vez que necessita de estratégias de ensino que devem ser colocadas em prática exercitando propostas, projetos, didáticas e avaliações que correspondam à dinâmica do contexto em que os alunos estão inseridos, para que assim, possam problematizar questões vivenciadas no dia-a-dia deles, e não apenas reproduzir algo pronto e inacabado, constituído por cumprimento de deveres, tarefas e rotinas diárias sem estímulo reflexivo sobre elas.

Nesse sentido, Araújo (2010, p. 20) defende que,

O processo de formação precisa investir na criação de estratégias didáticas e investigativas com vistas a auxiliar na composição de possíveis saberes pedagógicos, os quais poderão servir de apoio para a compreensão e transformação das práticas mediante ações críticas, realizadas pelos próprios pedagogos.

Tendo em vista isso, as crianças ao terem contato com atividades pedagógicas que lhe tragam vivências problematizadoras no Estágio, permitirá o melhoramento das práticas dos futuros docentes, em que as aulas precisam estar permeadas pelos princípios defendidos, com vistas à construção de metodologias mais condizentes com a realidade dos alunos e compromissadas com sua formação.

Desse modo, a seguir, apresento os objetivos da disciplina de Estágio Supervisionado III e IV, como ele se constitui no curso de Pedagogia na UFPB, no regulamento da disciplina, bem como sua composição no PPC (Projeto Pedagógico de curso) do curso de Pedagogia, e o que dizem as Diretrizes.

### **2.1. Objetivos do Estágio e legislação**

Para Santos (2008) o indivíduo precisa ser formado com uma consciência sobre sua historicidade, considerando o fato de que a educação é um processo interminável, na era da informação em que a escola e o professor possuem papéis distintos, mas com o mesmo objetivo, formar cidadãos pensantes para o convívio em sociedade. Em que a instituição, seja

um sistema aberto, pensante e flexível, pois a escola ao receber o papel de ensinar deve formar cidadãos autônomos, críticos e pensantes sobre si, sobre o outro e sobre a sociedade como um todo. Diante disso, o docente precisa gerir e relacionar as informações para que possa transformá-las em conhecimento.

Dessa forma, percebe-se o quão é importante entender a dinâmica que se apresenta na disciplina de Estágio Supervisionado III e IV no curso de Pedagogia da UFPB, para que se possa compreender os objetivos dessa disciplina e seus desdobramentos, presentes na ementa, que direcionam o fazer pedagógico para os estagiários e futuros docentes, contribuindo para a formação de cidadãos autônomos, críticos e pensantes.

Sendo assim, no regulamento de Estágio de 2018, descreve os passos que se deve prosseguir nas disciplinas de Estágio Supervisionado III e IV. O Estágio Supervisionado III deve ser realizado em turmas de 1º ao 3º ano, seguindo três etapas: os elementos a serem observados, a intervenção pedagógica e o registro.

A primeira permite que haja observação e participação das práticas desenvolvidas em sala de aula, enfatizando a análise e reflexão crítica, da escola como um todo, como seu espaço físico e administrativo, como dentro da sala de aula, percebendo o espaço, tempo curricular, a professora, os alunos, as aulas; e quanto a participação, o estagiário (a) deve se inserir no contexto da sala de aula, contribuindo com as tarefas do (a) professor (a). A segunda, permite que haja o desenvolvimento de atividades para o período de regência, para turmas de 1º a 3º ano, com atenção especial para disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, ocorrendo através de sequências ou projetos didáticos. A terceira, permite listar todas as atividades desenvolvidas na observação, participação e intervenção, de maneira que possa articulá-las as reflexões teóricas que fundamentam essas etapas, compondo assim, a produção de um Relatório de Estágio.

O Estágio Supervisionado IV que corresponde ao 4º e 5º ano, a dinâmica é a mesma, o único diferencial do Estágio III para o Estágio IV, é que nesse último vão envolver mais disciplina na etapa de intervenção pedagógica, compreendendo agora não só Língua Portuguesa e Matemática, mas também, Ciências, Geografia, História, Artes ou Educação Física, promovendo assim, a interdisciplinaridade no decorrer da sequência ou projeto didático.

Compreendendo assim, como os Estágios supervisionado III e IV acontecem no curso de Pedagogia da UFPB percebe-se a importância de que a atuação do professor deve ser convidativa para a reflexividade, assumindo posturas ousadas, criativas, ou seja, sendo ativos e não apenas reprodutores de conteúdos sem significado. Por isso, a ênfase na observação,

participação, intervenção pedagógica e registro, de maneira que essas etapas possibilitem reflexão, criticidade, oportunidade de criar e recriar o fazer pedagógico, para que o estagiário (a) tenha esse primeiro contato inicial com a docência. O PPC do curso de Pedagogia de 2006 da UFPB, ainda destaca que,

O estágio deverá ser realizado em ambientes escolares e/ou não-escolares, que amplie e fortaleça atitudes éticas, conhecimentos e competências, conforme o previsto no projeto pedagógico do curso. Nesta perspectiva, o Estágio assume uma direção vertical por relacionar-se cada semestre à uma temática específica, mas também uma direção horizontal, visto que os diferentes focos do estágio devem permitir uma visão global de ambientes escolares e/ou não escolares. (UFPB, 2006, p. 17)

Entende-se dessa maneira, que o Estágio vai além das descrições e procedimentos de como se deve discorrer, ele ainda abrange valores éticos, conhecimentos já construídos pelos discentes e competências que o futuro educador já desenvolve durante o seu processo de formação.

Destaca-se a relevância do estagiário (a) como autor (a) da sua prática, que por meio da vivência institucional, sob mediação do orientador (a) em sala de aula e o supervisor (a) de Estágio confere condições para isso.

O Estágio Supervisionado pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional, estabelecida entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor supervisor acadêmico. Devem proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, conferindo-lhe condições para que se forme como autor de sua prática, por meio da vivência institucional sistemática, intencional [...] (UFPB, 2006, p. 18)

Nesse sentido, faz-se necessário criar ambientes de aprendizagem que possibilitem aos estudantes vivenciar práticas inovadoras, que estimulem o pensamento e que, de fato, provoquem uma “crise pedagógica”, ou seja, se questionem sobre práticas tradicionais repetitivas e que não estão adequadas para a realidade das escolas, despertando-os para a necessidade de novas posturas pedagógicas. Só assim, estará compreendendo os acontecimentos de forma crítica, reflexiva e aberta a complexidade das relações sociais atuais,

que a prerrogativa do Estágio supervisionado, alicerçado aos documentos, direciona os elementos básicos para essa formação. Assim sendo, as Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia de 2015 também traz suas contribuições para a organização do Estágio no currículo das licenciaturas. O artigo 13, inciso 4, destaca que,

*4º O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico. (BRASIL, 2015, p. 12).*

Visto isso, pode-se perceber a relevância do Estágio que compõem todos os cursos de licenciatura, não só o curso de Pedagogia. Através dele há a possibilidade de articular sua prática com as atividades acadêmicas, guiadas pelas outras disciplinas do currículo, construindo o sentido da aprendizagem em parâmetros e referenciais educacionais.

Ainda destaca as habilidades necessárias à docência, que favoreçam ao professor elaborar atividades, que reveja conceitos historicamente construídos, que esteja aberta ao novo. A formação deve dar subsídios para o desenvolvimento dessas habilidades, considerando o quadro atual do ensino. O artigo 15, inciso 2, enfatiza que,

*§ 2º Durante o processo formativo, deverá ser garantida efetiva e concomitante relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessários à docência. (BRASIL, 2015, p. 13).*

Desse modo, para que se possa alcançar os objetivos do Estágio, perante o que foi apresentado nesse tópico, com base na legislação, destina-se 400 horas contemplando o Estágio Supervisionado, para que seja efetuada toda experimentação e vivência no campo de Estágio, com o intuito de pôr em prática o que foi aprendido e o que se pretende construir como aprendizado para o exercício da docência. Nesse sentido, o artigo 13, inciso 1, parágrafo II, propõe,

*II - 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas*

*específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição. (BRASIL, 2015, p. 11).*

Perante a carga horária dedicada ao Estágio supervisionado, torna-se necessário compreender a amplitude dos seus dilemas, desafios e possibilidades, até porque a sociedade está em constante transformação, e devido a isso conseguimos apenas ter uma compreensão um pouco mais aprofundada, mas não de forma completa, por isso a necessidade de entender um pouco mais a educação nos dias de hoje, com o intuito de tentar suprir o máximo de dilemas e desafios perante as inúmeras possibilidades.

## 2.2 Estágio e dilemas da escola

Para melhor entender como se processa o Estágio dentro da escola, a partir dos seus dilemas venho, por meio dessa discussão, abordar alguns deles, que a escola enfrenta e como eles interferem na dinâmica do Estágio. Para isso, amparei-me de autores como Candau (2013), Zabala (1998), e Lima (2008) elucidando essa discussão.

Pensar a escola com os seus dilemas, desafios e possibilidades para a educação nos dias de hoje, nos faz refletir sobre os altos níveis de competência, saberes, habilidades, tanto de caráter cognitivo, como científico e tecnológico que a sociedade exige, além do desenvolvimento da capacidade de interagir socialmente, de ter iniciativa, criatividade elevada para suprir as necessidades diante do mundo globalizado em que a educação mostra-se como uma esperança para o futuro, e ainda vista como uma solução para as demandas sociais.

A questão da qualidade da educação é apresentada como solução de crise que atravessa os sistemas escolares no continente sem que se problematize esta expressão, relacionando-a com o tipo de sociedade e cidadania que se quer construir e as diferentes abordagens que dela podem ser feitas. (CANDAU, 2013, p. 12)

Visto isso, os processos educativos se incorporam de acordo com as diferentes configurações da sociedade, em que a pluralidade de espaços, tempos e linguagens fazem parte de uma rede de interações que permeiam a prática pedagógica. Em contrapartida, a escola passa a ser vista como uma “arena cultural”, além de ser local de instrução, ela

também confronta forças e dilemas econômicos, políticos, sociais e culturais que por si só geram disputas de poder.

Pensar a existência da escola hoje diante de tantos desafios, como esses nos faz repensar sobre a capacidade transformadora da prática educativa. E o que temos hoje na maioria das escolas é uma cultura padronizada, pouco dinâmica, que enfatiza a transferência de conhecimento, configurada em muitos casos na prática pedagógica de outros países, em que a realidade é diferente da nossa, remetendo a práticas educativas estrangeiras e não reconhecendo assim, o acúmulo de práticas dos profissionais e pesquisadores da área da educação no Brasil.

Tendo em vista isso, vemos que a sociedade se preocupa em estabelecer dinâmicas sociais mais “inclusivas” que orientem a participação de todos para em muitos casos minimizar tensões e conflitos já existentes, tendo em vista um projeto novo, para a sociedade e humanidade como uma forma de se apropriar do que a escola pretende ensinar e do conhecimento a que ela pretende se situar. E com isso,

Se entendemos que a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e pelo controle das variáveis que intervêm nelas, o fato de que os processos de ensino/aprendizagem sejam extremamente complexos – certamente mais complexos do que os de qualquer outra profissão – não impede, mas sim torna mais necessário, que nós, professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece em sala. (ZABALA, 1998, p. 15)

Contudo, as práticas em sala de aula originam-se de concepções ideológicas e políticas, que permeiam as ações pedagógicas, sustentadas por muitos profissionais, e influenciam suas práticas de ensino. A prática docente, nesse sentido, deve ser marcada por uma relação de diálogo com o outro, visto que, professores e alunos são responsáveis e autônomos pelo processo de ensinar e aprender.

Desse modo, a busca por estratégias pedagógicas que consigam lidar com essa diversidade cultural é outro desafio que se processa no interior das salas de aula, e até mesmo na função social da escola, é possível, dessa forma perceber, a tensão que se instala nesse meio educativo.

Devido à complexidade do contexto escolar e seus dilemas, é limitada à intervenção dos estagiários, a qual acontece em um curto período de tempo, conforme afirma Lima (2008, p. 198),

O trabalho de planejamento, negociação com as escolas recebedoras, desenvolvimento e avaliação de atividades, concentrados no período letivo de um semestre, muitas vezes dificulta a visão do todo. Dessa forma, pode ficar despercebida uma questão fundamental, que está na base de muitos dos nossos descontentamentos e conflitos no decorrer do Estágio [...]

Portanto, a autora destaca as dificuldades geradas, quando não se consegue ver o todo, no decorrer do Estágio e entender melhor o processo educativo já que as atividades são concentradas por períodos letivos e não se consegue muitas vezes ter essa visão geral. Nesse sentido, a seguir, destaco abordagens que discorrem sobre a prática educativa no Estágio para a melhoria dos cursos de formação de professores.

### 2.3. O Estágio para a formação docente

Com o intuito de trazer à tona abordagens sobre as contribuições do Estágio para a formação docente, evidencio, características, problemáticas, desafios e concepções relevantes para esse campo, e como os professores e alunos estão constituídos nesse cenário de requisitos substanciais para o exercício da docência e formação do pedagogo. Enfatizo ainda, a formação contínua em que acredito que o Estágio também se apresenta. Para isso, utilizei de autores como Pimenta e Lima (2012), Ghedin, Oliveira e Almeida (2015), e Zabala (1998) para promover a discussão.

Toda e qualquer formação se constitui de determinantes que são os princípios que regem as ações dos profissionais, no caso do pedagogo, o seu fazer pedagógico, em que, centra-se em práticas metodológicas de tendência investigativa que, quando utilizadas, refletem na formação docente e muitas vezes os próprios profissionais da docência nem percebem seus determinantes e as mudanças que estão ocorrendo. Assim, há a necessidade de contemplar, organizar e gerir o saber dos formandos, para que haja o caráter especulativo, ou seja, o desejo de saber e a construção constante do seu conhecimento quanto profissional docente.

Sendo assim, os estagiários estão preocupados em cumprir os requisitos acadêmicos que são exigidos, que em contrapartida têm que buscar aprendizagens sobre sua futura profissão.

Dessa forma, o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade. Nesse processo, encontram possibilidade para ressignificar suas identidades profissionais [...]” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 127)

Desse modo, um dos grandes enfoques e preocupação do Estágio é quanto as aprendizagens e as lições que podem ser filtradas dessa experiência. O Estágio assim, se configura numa rede de relações sociais formadoras. Percebe-se que ele engloba perspectivas do fazer pedagógico que são de uma complexidade e por decorrência necessita de um caráter exploratório e investigativo sobre divergências, confrontos e perspectivas quanto à formação. Para Lima (2008, p. 200-201),

Há grande necessidade de que o estagiário encontre o seu *lugar* na escola, dentro das relações de que participa e que o Estágio inclua no seu projeto uma proposta de mudança de enfoque, sugerindo que os alunos reconheçam sua própria presença no local do estágio, em vez de focalizarem suas atenções apenas nos fracassos encontrados.

Para que o Estágio focalize no exercício de participação, conquista e negociação, o estagiário (a) necessita encontrar o seu *lugar* na escola, mas para isso deve está distante de preconceitos e julgamentos que podem prejudicar sua inclusão e presença no local de Estágio. A procura pelo novo, pelo desconhecido deve permear sua interação, buscando sempre o envolvimento de caráter profissional.

Para Ghedin, Oliveira e Almeida (2015, p. 174),

[...] em nosso entender, só pode dar-se por um processo de investigação. Por isso é fundamental que os professores, já no seu processo de formação inicial possam fazer uma experiência de pesquisa. Pensamos que o estágio constitua-se um tempo e um espaço privilegiado para este processo formativo.



Além disso, o Estágio permite que a identificação com a profissão docente ocorra por meio das atividades realizadas, tanto pelos formadores como pelos formandos. Os primeiros, quando apresenta as intenções, objetivos e como consolidá-las, trazendo suas contribuições tanto para os (as) alunos (as), como para o (a) estagiário (a), e o segundo quando vivencia na prática a aplicação de atividades que foram pensadas e construídas por eles mesmos, traçando metas a serem alcançadas, e o sucesso, ou não, no uso delas. O valor atribuído a isso enaltece e revela ideias no processo de ensinar e aprender.

Tendo em vista isso, as lições que os estagiários (as) podem tirar do Estágio são essenciais para situá-los no tempo e espaço específicos, que cabem saberes, histórias de vida, experiências, sejam individuais e/ou coletivas.

O Estágio contribui para a construção da identidade profissional docente quando o mesmo compreende o processo educacional, a cultura da escola, os envolvidos no processo, constituindo saberes que farão parte da identidade docente.

Quando se reflete as ações, as chances de encontrar as soluções para o problema aumentam uma das características do exercício da profissão docente que deve ser sempre estimulada no Estágio. É através dele que o conhecimento é erguido, melhorado, contemplando o máximo de habilidades possíveis. Entretanto, umas das dificuldades que enfrenta-se no Estágio é que após discussões, registros e relatórios chegarem ao fim, nem todas as respostas para as perguntas iniciais são encontradas. Assim, adentramos em outros desafios acadêmicos em que novas perguntas e reflexões irão surgir. Nesse sentido, mostra-se como um recurso inacabado, em que, sempre surgirá novas indagações sobre esse campo tão complexo.

O Estágio tem o poder de possibilitar a expressão da prática docente, da sua realidade, dos alunos, dos colegas de profissão e assim encontrar também a possibilidade de ressignificar as identidades profissionais. Entretanto, ainda se concebe, na formação de professores, a supervalorização de métodos e técnicas, compreendendo a formação pedagógica como treinamento, e o professor em sala de aula acaba organizando, planejando, coordenando suas aulas isoladamente frente à heterogeneidade e complexidade presente no âmbito escolar.

Com isso, Almeida (1995, p. 25) defende que,

A prática de ensino, sob a forma de Estágio Supervisionado, ao reduzir o conhecimento à apropriação de técnicas e à docência ao treinamento, revela-se

ineficaz sob o ponto de vista da prática pedagógica. Se essa atividade fosse retirada do curso representaria o fim de um fazer rotineiro e obrigatório, necessário para cumprir normas relativas à obtenção do diploma de professor.

Nesse sentido, a prática de ensino, no Estágio deve contribuir para formar futuros profissionais comprometidos com o papel da escola, cientes da demanda da educação na sociedade contemporânea que está a todo tempo exigindo novas reformulações, novos pensamentos, novos paradigmas educacionais, de modo que consigam suprir as exigências necessárias para uma boa qualidade de ensino. Com base nisso, o Estágio é imprescindível para que haja comprometimento, entusiasmo, vivência, fomentando uma formação profissional de qualidade.

Diante disso, formar professores com o intuito de desenvolver habilidades de participação, atuação e conhecimento das variáveis a fim de dominá-las, são alguns dos requisitos que a escola moderna precisa. Tendo em vista isso, o Estágio procura desenvolver esses requisitos, agindo com a colaboração das equipes das escolas. Visto isso, adiante, apresento a discussão sobre Estágio como pesquisa, como umas das possibilidades que ele compreende no seu processo formativo.

#### 2.4. Estágio como pesquisa

Nessa abordagem de Estágio como pesquisa, pretendo discorrer sobre as possibilidades, ganhos, e do que ele se constitui dentro da articulação entre pesquisa, investigação e processo formativo que o Estágio compreende. Tendo em vista isso, utilizo de autores como Ghedin, Oliveira e Almeida (2015), André (2016), e Pimenta e Lima (2011) que elucidam essa discussão.

Entender o Estágio como prática orientada pela pesquisa pode ser um mecanismo para compreendê-lo como possibilidade para a criação de atitudes mais interdisciplinares e, a partir dele pensar um conjunto de articulações que permitam sistematizar determinado objeto investigado ao longo desse processo, estabelecendo conexões profundas no interior dos cursos de formação, para que assim, haja intervenção aliada a pesquisa. No entanto,

O Estágio nos cursos de formação de professores tem sido desenvolvido como o momento de operacionalização do exercício da unidade prática-teoria-prática, numa busca para atingir a práxis, como possibilidade de interferência radical no processo educativo por meio do ensino. (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 37-38)

Dessa forma, busca-se um “modelo” para que a construção da identidade do futuro professor (a) seja intercalada não somente, ligada a prática, mas permeada por um conjunto de ações que permitam ampliar e compreender a sua atuação, consciente de um conhecimento que foi construído através de um processo sistemático, orientado pela pesquisa.

Uma das formas, como atividade prática para desenvolver esse profissional, é por meio da vivência com atividades realizadas em escolas públicas, sendo assim, aprimora-se o conhecimento com base no saber-fazer docente, que orientado pela pesquisa irá problematizar metodologias de ensino, com base no repertório de estudos do estagiário (a), mediados pela teoria e prática. Já que, “Pode-se pesquisar e ensinar ao mesmo tempo. Posso extrair de minha ação docente algumas questões intrigantes, às quais são necessários esclarecimento e, então, me disponho a pesquisar.” (ANDRÉ, 2016, p. 21)

A investigação mostra-se como uma dessas ferramentas para buscar mais atitudes de análise de práticas institucionalizadas o que vai gerar questionamentos e mais ações de pesquisa que por serem permeadas pelas transformações da realidade serão vistas como provisórias, pois, sempre haverá mais questões intrigantes e a necessidade de investigá-las a cada transformação da sociedade.

O Estágio envolve dessa forma, a reflexão sobre concepções que ditam o fazer pedagógico de cada escola, e perpassa a atividade docente cotidiana. O Estágio como campo de estudo, pesquisa e prática, permite o contato com essa realidade. Havendo assim, possibilidades durante o Estágio para esse futuro profissional docente, de maneira que exige uma postura teórico-metodológica que responda os desafios e formar a prática do profissional que se pretende construir. Dessa maneira fica evidente como o Estágio colabora para a “manutenção” da consciência crítica e reflexiva que a pesquisa exige.

Para tanto, a dinâmica de pesquisa torna-se possível no Estágio como oportunidade de estudo coletivo para que haja a elaboração do conhecimento sobre a prática, reelaborando saberes já construídos e vivenciando outros que se processam no interior das escolas.

Cada saber contribuirá para a formação do profissional da docência, estimulando sempre atitudes de pesquisa que vão além de determinações sociais, integrando ações correspondentes as dinâmicas de ensino. Porém,

[...] não há como vincular um processo de estágio a uma dinâmica de pesquisa se os docentes da universidade, os estagiários e os professores das escolas não se tornarem parceiros no processo desta prática, que implica olhares teóricos e epistemológicos, que os dois segmentos devem esforçar-se para compreender. Pensa-se que sem esta relação de parceria entre estagiário e docente universitário com o professor da escola o processo de estágio vinculado à pesquisa torna-se inviável. (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 40-41)

Por esse motivo é importante enfatizar que sem a conquista de parceria e confiança entre professores e estudantes estagiando não há como desenvolver o Estágio como pesquisa. A pesquisa no Estágio, assim se constitui, com diálogo, fusão de ideias educativas e pedagógicas, provenientes da prática docente.

Dessa forma, a atividade de pesquisa no Estágio consolida-se a partir da finalidade de criar uma cultura de análise das práticas, visando a colaboração dos professores para que se possa entender melhor os processos das transformações que envolve o desenvolvimento dessas práticas. Entretanto, cabe enfatizar que,

Não é todo mundo que deve ser pesquisador, como se fosse obrigatório, quase uma palavra de ordem. É preciso, antes de tudo, querer ser pesquisador, ou seja, o desejo é necessário porque esse querer vai exigir uma série de investimentos, como por exemplo, arrumar tempo e disposição para mergulhar de cabeça na bibliografia, organizar material lido, fazer registros das leituras feitas, sistematizar os dados, etc. (ANDRÉ, 2016, p. 26)

Visto isso, a pesquisa no Estágio se traduz através da mobilização, do desejo de querer pesquisar, da análise dos contextos que se realiza a pesquisa, de posturas diferenciadas diante do conhecimento, que se busque o novo conhecimento, novos dados que a realidade impõe, e que são somente percebidos quando se consegue manter uma postura investigativa, de pesquisador. Nesse sentido, a seguir, destaco as metodologias ativas no Estágio, como uma nova ferramenta de ensino e as competências para que a mesma seja atingida.

## 2.5. O Estágio como possibilidade de inovação das práticas docentes

O Estágio deve ser uma oportunidade importante na formação do futuro docente. Por isso, as ações desenvolvidas devem pautar-se em concepções e práticas inovadoras. Daí a importância das metodologias ativas. O intuito de trazer à tona as metodologias ativas para o Estágio é permitir que aspectos dessa aprendizagem ativa, desse olhar para o “fazer” educacional, destacando as contribuições dessa abordagem para a vida escolar das crianças, não só como uma nova metodologia de ensino, mas como uma prática social, e as competências para que seja atingida.

A aprendizagem ativa relaciona-se com a motivação, que vem do latim *moveres*, significa mover. Portanto, tem-se uma ação voluntária e consciente sobre o ato de motivar, direcionando para a prática pedagógica. Compreende o envolvimento do educador e educando de maneira profunda nas atividades pedagógicas, com persistência diante dos problemas, dos desafios, valorizando e reconhecendo o sucesso, não da perspectiva só do “fazer”, mas, do esforço do educador em relação, a realização das atividades.

A possível combinação de motivação e autoconfiança permite que as crianças tornem-se aprendizes ativos e colaborem para a amplitude de novas ideias e habilidades, reconhecendo-se como poderosos no contexto social.

As crianças, com o uso das metodologias ativas serão incentivadas a pensar como especialistas, quando elas irão desenvolver o interesse pela indagação e assim compreender habilidades de questionamentos. Portanto, “As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor.” (BERBEL, 2011, p. 28). Assim, como compreende a implementação de novos elementos para a prática do educador, necessita-se que haja a participação crítica e reflexiva das crianças.

Por isso, as crianças precisam frequentemente estarem refletindo sobre seu pensamento, já que vão à escola com princípios, ideias e valores preconcebidos sobre o seu meio, sobre si e sobre o outro, e já trazem consigo sua capacidade de aprender e contribuir na aprendizagem individual e coletiva de forma significativa. Dessa forma,

A prática reflexiva, no entanto, é bem mais do que apenas pensar no que você está fazendo. Envolve uma análise proativa da experiência e baseia-se em um repertório de competências e experiências, a fim de aprender e evoluir a partir dessa experiência. (VICKERY, 2016, p. 88)

Dessa maneira, as experiências construídas pelas crianças irão contribuir para a construção de um repertório rico em competências, com o intuito de evoluir a partir delas. Nesse contexto qual é o papel do profissional docente nisso tudo? Compreende um papel crucial nesse desenvolvimento, já que ele gera oportunidade para que haja o debate, a criatividade, a reflexão, a capacidade de correr riscos, que toda ação está sujeita e assim se beneficiarem de uma educação focada no desenvolvimento dessas habilidades de pensamento.

Nesse sentido, Moran (2015, p. 17) enfatiza que,

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

Partindo dessa premissa, quando as crianças são ativas na aprendizagem elas apresentam seu entendimento menos dependentes dos adultos, uma vez que, quando são estimuladas através de atividades autogeridas – aquelas em que as crianças participam da escolha e elaboração das atividades junto com o professor (a) – que serão realizadas em sala, executam de forma promissora e flexível.

Diante disso, o Estágio pode ser uma oportunidade para que o estagiário experimente novas abordagens de ensino, por meio de atividades, as crianças podem descobrir padrões, raciocinar, avaliar, construir suas próprias conclusões e justificativas, levar em consideração vários pontos de vistas, elaborar resolução de problemas, tomar decisões a partir do seu conhecimento construído da prática. Vale considerar que embora o Estágio se desenvolva em um curto período de tempo, é possível pautar-se em alguns princípios das metodologia ativas.

A partir disso, torna-se um aprendizado significativo, relevante com responsabilidade e respeito, de acordo com os interesses e necessidades de cada criança. Mas para que isso aconteça, têm-se que desenvolver competências e através delas são criadas tarefas com estratégias que possam tornar crianças motivadas e ativas em busca do saber. Quando a criança compreende o seu próprio pensamento, analisa, melhora, a capacidade de pensar, e assim, desenvolve a metacognição, que seria a capacidade de pensar e refletir sobre o seu próprio pensamento a partir de situações reais e também simuladas, do contexto em que estão inseridos.

Visto isso, Berbel (2011, p. 29) afirma que,

Podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando as condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos.

Entendendo isso, é possível criar condições para que haja o engajamento dos alunos em novas aprendizagens que permitam ampliar possibilidades de liberdade, autonomia, tomada de decisões no processo de vivência, estimulando o desenvolvimento autônomo.

Dessa forma, para que haja a reelaboração de novas práticas, uma melhor participação das crianças no ensino seria umas das estratégias a ser posta em prática, visando um ensino de qualidade e produtivo. Com isso, elas devem ser convidadas a decidir sobre o que iria lhes trazer desenvolvimento de acordo com suas necessidades e quais fatores poderiam limitá-la, a sua interação no processo de aprendizagem, pois ‘‘As crianças são instintivamente ativas tanto do ponto de vista físico quanto do cognitivo à medida que compreendem o mundo ao redor delas para conseguir participar plenamente dele.’’ (VICKERY, 2016, p. 40) e oportunizar que expressem suas expectativas em relação ao professor é de fundamental importância.

Logo, as metodologias ativas centradas no sujeito e na organização do espaço como um todo para a aprendizagem, são requisitos fundamentais para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, oportunizar as metodologias ativas nas escolas permite que práticas e hábitos de cada cultura, e contexto educacional sejam ressignificados. Contudo,

O que predomina, no entanto, é uma certa acomodação, repetindo fórmulas com embalagens mais atraentes, esperando receitas, num mundo que exige criatividade e capacidade de enfrentar desafios complexos. Há também um bom número de docentes e gestores que não querem mudar, que se sentem desvalorizados com a perda do papel central como transmissores de informação e que pensam que as metodologias ativas deixam o professor em segundo plano [...]’’ (MORAN, 2015, p. 27)

Diante disso, é importante ressaltar que o papel do professor é crucial nesse processo, para que seu envolvimento diante da construção e desenvolvimento crítico, reflexivo e transformador das crianças esteja alicerçado a habilidades de pensamento, a participação delas para a criação de novas práticas, de modo que as crianças estejam ativas na aprendizagem, compreende uns dos desafios para a prática pedagógica do professor. E sendo um desafio, o

professor se caracteriza como o profissional que irá estimular e contribuir para o desenvolvimento das metodologias ativas, junto com as crianças. Considerando o Estágio como estimulador de trocas de conhecimento entre professores supervisores de Estágio, alunos e estagiários, a opção por adotar princípios das metodologias ativas pode enriquecer a formação de todos os sujeitos envolvidos nas atividades.



### 3 COMO SE CONSTITUIU O FAZER DA PESQUISA

A pesquisa se constitui através de uma sequência de passos que gradativamente explicitam as ideias, as concepções e objetivos traçados, a partir dos procedimentos utilizados. Nesse sentido, ‘’ a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, assim como o conjunto de técnicas e de procedimentos que auxiliam na construção do conhecimento.’’ (BRENNAND; MEDEIROS; FIGUEIREDO, 2012, p. 64)

É a metodologia que nos conduzem em direção à uma meta, e é constituída de concepções de mundo, de sociedade e de ser humano, as quais encontram-se implícitas (ou explícitas) durante a análise dos dados e discussão do tema, e que reflete a perspectiva teórico-metodológica do pesquisador. Com isso, os desdobramentos do estudo são descritos nos tópicos abaixo.

#### 3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa utilizou de uma abordagem qualitativa por permitir uma análise da realidade através de dados não quantificáveis, uma vez que permitiu a compreensão do fenômeno estudado, dando enfoque para a dimensão qualitativa dos resultados, buscando explicar a razão das coisas, sem restringir-se à quantificação. Assim,

[...] a pesquisa qualitativa utiliza a observação intensiva e de longo tempo num ambiente natural. Permite realizar o registro preciso e detalhado do que apresenta no ambiente, a interpretação e análise dos dados, utilizando descrições narrativas. Elas podem ser etnográfica, naturalista, interpretativa, fenomenológica, pesquisa-participante e pesquisa-ação. (BRENNAND; MEDEIROS; FIGUEIREDO, 2012, p. 67)

Este estudo ainda caracterizou-se como pesquisa de campo, ao permitir que, através da observação dos fatos e fenômenos vivenciados no campo de pesquisa, estes pudessem ser melhor compreendidos de acordo a espontaneidade que aconteciam os fatos. Dessa forma, a pesquisa de campo,

[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186)

Nesse sentido, a abordagem qualitativa permitiu ter mais flexibilidade na escolha dos instrumentos de coleta e análise dos dados coletados, de modo a atender as metas traçadas nos objetivos.

Optou-se pela pesquisa de campo, por ele possibilitar a utilização de várias ferramentas para a coleta de dados, bem como uma aproximação mais aprofundada da realidade, das ações e dos fenômenos que compõem o objeto de estudo.

O trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto dialético da teoria social. (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009, p. 76)

### 3.2.Local da pesquisa

A pesquisa de campo se desenvolveu por meio do Estágio Supervisionado IV, em um total de 9 (nove) visitas à escola. O campo de investigação foi uma escola pública da cidade de João pessoa - PB, localizada no Bairro Castelo Branco, na qual realizei meu Estágio Supervisionado, objeto de análise dessa pesquisa.

Buscou-se entender como o Estágio pode contribuir para a formação e prática docente do formando em Pedagogia, enfocando a perspectiva das crianças, dos professores supervisores e dos orientadores de Estágio e da minha autorreflexão.

A turma na qual o Estágio foi realizado constituía-se de 20 (vinte) crianças de 9 (nove) a 11 (onze) anos de idade, em uma turma de 4º ano do fundamental I. A professora desta turma tem como formação Doutorado em Educação.

Os entrevistados da pesquisa foram 2 (duas) professoras supervisoras do campo de Estágio e 2 (dois) orientadores da disciplina de Estágio da UFPB, os quais foram informados dos objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como o seu anonimato.

### 3.3 Instrumento de coleta

Os instrumentos de coleta de dados são técnicas selecionadas com o intuito de ter acesso as informações necessárias para o estudo, de modo que consiga trilhar os passos da linha metodológica da pesquisa, capturando e organizando as informações coletadas. Conforme Brennand, Medeiros e Figueiredo (2012, p. 184) ‘‘Os instrumentos de coleta de dados deverão tomar como referência os objetivos do trabalho, definindo-se também a partir da abordagem e das peculiaridades da pesquisa, incluindo o tipo e as metas traçadas pelos objetivos específicos’’. Diante disso, os instrumentos utilizados para subsidiar esse estudo foram: observação participante, conversa e entrevista semiestruturada.

#### 3.3.1 Observação participante

A observação participante é aquela em que o pesquisador se envolve diretamente com o grupo ou comunidade da realidade investigada, é quando se incorpora dentro das atividades realizadas por eles, de maneira que possam ser estudadas, vivenciando seu sistema de referências, de forma que o pesquisador ganhe a confiança deles, fazendo-os compreender a importância da investigação.

Definimos *observação participante* como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social, da pesquisa na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009, p. 70)

Dessa forma, a observação participante é um recurso que ajuda a compreender a realidade de forma mais interativa, utilizando de estratégias para se obter as informações necessárias para o objeto de estudo, como também para manter um bom convívio social no campo de investigação, diante das relações existentes. Vivenciar os fatos e suas representações traz a amplitude de uma análise mais completa e dialogada com os sujeitos para que se possa entender melhor as normas e regras cotidianas que regem as práticas desses sujeitos observados e o observador nesse contexto se utilizará de ferramentas investigativas em busca de respostas para suas inquietações.

Ao longo do Estágio foram realizadas observações e participações, durante 4 (quatro) visitas que foram distribuídas em quatro semanas. Ao observar a rotina da sala de aula, pude identificar aspectos ligados aos conteúdos, à metodologia, às atividades, à quais recursos eram utilizados nas aulas; qual feedback dos alunos sobre essas aulas; como acontecia a relação da professora com os alunos em sala; o que eles mais gostaram de aprender; quais seus interesses; quais atividades preferiam; perceber o interesse deles pelas atividades aplicadas na semana de regência e a avaliação, quanto a elas.

A observação participante se desenvolveu, igualmente, no período da intervenção/regência, a qual foi realizada em 4 (quatro) dias durante os meses de abril e maio de 2018, no horário da manhã, com uma turma de 20 (vinte) alunos matriculados. Aconteceram uma vez na semana, com duração de 2 (duas) horas. As análises estão descritas e analisadas no capítulo ‘‘Minha vivência no campo de Estágio’’.

### 3.3.2. Roda de conversa

Durante os dias de observação e no último dia do período de intervenção realizei em sala de aula uma roda de conversa em que os alunos responderam perguntas direcionadas a uma avaliação quanto a semana de regência, podendo ainda fazer comentários e sugestões, de modo que eu conseguisse perceber suas impressões em relação a essas vivências. Assim, Moura e Lima (2012, p. 101) afirmam que,

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e

implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.

Nesse sentido, a conversa aconteceu na sala de aula com a presença de 12 (doze) alunos. Inicialmente organizei a turma em círculo e pedi que eles me ajudassem a encher uns balões, que continha algumas perguntas, para esse momento de avaliação sobre a minha intervenção.

Começamos a estourar um de cada vez, respondendo às perguntas juntos. As perguntas foram as seguintes: O que vocês gostaram de estudar ou aprender? Como vocês acham que as aulas poderiam ser melhores? Teve alguma atividade que vocês não gostaram? O que vocês acharam das aulas do ano passado que eu dei? Qual atividade que vocês mais gostaram? Vocês gostam de brincadeiras nas aulas? O que vocês mais gostaram de aprender nas aulas do ano passado? Dentre os materiais quais vocês mais gostaram? Vocês gostaram dos materiais que foram usados nas aulas do ano passado? Vocês gostaram dos materiais que eu usei nas atividades? Essas perguntas direcionaram nossa conversa.

Algumas perguntas foram direcionadas para a regência do semestre anterior, pois realizei com a mesma turma, e quis fazer essa ponte para que eles pudessem perceber a dinâmica que utilizei durante a minha vivência no Estágio, e qual a percepção deles sobre elas.

Em seguida, coleí na parede da sala uma cartolina com os seguintes materiais escritos: vídeos, brincadeiras, fotos, tarefas, jogos, quadro e contação de história. Foram esses materiais que usei durante a intervenção e pedi para que eles colocassem um *emotion* simbolizando o sinal de ‘gostei’ ou ‘não gostei’ para cada material usado. Dessa forma, foram sistematizando suas impressões, fazendo comentários e sugestões.

A conversa teve duração de 30 (trinta) minutos, de maneira que todos os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões, pensamentos sobre tudo que foi vivenciado. Em linhas gerais, o retorno dos alunos foi positivo, conforme as falas e impressões que estão descritas e analisadas de forma mais detalhada no capítulo da análise dos dados.

### 3.3.3 Entrevista semiestruturada

Outro instrumento de coleta, do qual lancei mão foi a entrevista semiestruturada. Esta é um recurso que tem como finalidade obter informações sobre determinado assunto, a partir de uma conversa de natureza sistematizada e por isso, torna-se um procedimento que é utilizado para investigar problemas de caráter social com o intuito de ajudar no seu diagnóstico. Portanto, Minayo, Deslandes e Gomes (2009, p. 64), elucidam que,

*Entrevista*, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objeto.

Visto isso, de acordo com Brennand, Medeiros e Figueiredo (2012, p. 191) a entrevista semiestruturada é “definida por um roteiro pré-definido, cuja estrutura articula-se mais como pontos de discussão do que como perguntas fechadas, fazendo da flexibilidade a dinâmica oportuna para o aprofundamento do tema ao longo da conversa.” Nesse sentido, optou-se por essa ferramenta de pesquisa, com o intuito de identificar na fala de docentes envolvidos na orientação e supervisão do Estágio as concepções de Estágio que permeiam suas práticas pedagógicas, trazendo suas visões, pensamentos e opiniões sobre esse tema.

Para a entrevista semiestruturada foram elaboradas 6 (seis) perguntas para os supervisores de Estágio, e 4 (quatro) perguntas para os orientadores. Em resumo, o enfoque das questões, estava em volta de: perceber a visão deles sobre esse tema, como compreendem a importância dele e, sobretudo, como ele pode contribuir para a formação do profissional.

Realizei a entrevista com os supervisores durante o Estágio Supervisionado IV, aproveitando a oportunidade já que estava no campo de pesquisa e tinha mais facilidade para conversar com os professores. Saliento que, antes de começar a entrevista assegurei que sua identidade estaria preservada. Utilizei como forma de registro o gravador de voz, para captar melhor e registrar todas as informações. As respostas foram transcritas para depois serem analisadas.

A entrevista com os orientadores aconteceu na UFPB quando ainda estava realizando o Estágio, seguindo os mesmos procedimentos adotados para a entrevista com os supervisores seguindo o roteiro das questões, mas havendo o acréscimo de outras quando era necessário.

### 3.4 Participantes da pesquisa

As professoras supervisoras têm como formação Doutorado em Educação, uma delas atuante na área a 17 (dezesete) anos. Os orientadores são professores que lecionam na UFPB na disciplina de Estágio Supervisionado, e tem, igualmente, Doutorado em Educação.

#### Autorreflexão:

Além dos instrumentos elencados acima, ousei desenvolver uma autorreflexão acerca da minha atuação no Estágio, enfocando minhas aprendizagens a partir dos feitos, não feitos, dificuldades e desafios. Portanto, minha implicação neste estudo é dupla: como pesquisadora (iniciante) e como sujeito da pesquisa. A luz disso, relato primeiramente minhas aprendizagens ao longo desse estudo. Durante a minha atuação no campo de Estágio, aprendi a observar, interagir, e intervir com uma postura de pesquisadora iniciante, que ainda está tentando entender como funciona esse campo de pesquisa.

Estratégias foram aprendidas ao longo desse processo, como aprimorar a comunicação, perceber como acontecia a atuação dos sujeitos no ambiente escolar levantando hipóteses sobre a atuação deles, para que eu pudesse me debruçar sobre minhas próprias inquietações iniciais, participando sempre que possível, mostrando interesse e envolvimento em busca de novos saberes. Aprendizados, como esses, foram sendo construídos e contribuíram para minha atuação.

A partir dessas estratégias, citadas anteriormente, pude utilizá-las no momento da minha atuação, quando pude instigar mais interação das crianças com as atividades, identificar os seus interesses, suas dificuldades, como eu poderia propor desafios para estimular a sua motivação para aprender.

Os desafios quanto à minha atuação, foram percebidos, como a falta de planejamento da escola, o que prejudicava o desenvolvimento das atividades, pois havia interferências que não haviam sido comunicadas aos professores e isso causou efeito negativo na minha atuação,

pois não pude finalizar todas as atividades elaboradas. Outro desafio foi aproveitar ao máximo o curto período de tempo para realizar tudo que foi pensado, já que elaborei várias atividades, para que as crianças tivessem o contato com o máximo de atividades diferentes possíveis, e para que eu também pudesse avaliar a minha desenvoltura na realização praticados mesmo, já que eu fui um dos sujeitos da pesquisa.

As dificuldades que encontrei durante a minha atuação foi em relação a manter a concentração dos alunos nas aulas, pois as crianças gostavam muito de conversar e em alguns momentos não prestavam atenção na aula. Quando sabiam que iria ter vídeos, músicas, jogos ou brincadeiras depois do momento de sondagem sobre o que sabiam a respeito do conteúdo, ficavam ansiosos para que chegasse o momento da exposição de vídeos, músicas, ou participar dos jogos e brincadeiras pensadas para cada dia. Outra dificuldade encontrada foi manter a sequência de atividades para cada dia, pois em alguns dias houve situações que impediram a sequência e não pude concluir todas as atividades previstas para a semana.

### 3.5 A escola escolhida:

A escola escolhida foi a mesma em que realizei o Estágio, pertence à rede pública de ensino e está localizada no Bairro Castelo Branco em João Pessoa – PB. Atualmente são ofertadas a Educação infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino. Atende crianças com faixa etária de 2 (dois) a 5 (cinco) anos na Educação Infantil e crianças com faixa etária de 6 (seis) a 10 (dez) anos no Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano.

A escola no ano de 2017 atendeu 268 (duzentos e oitenta e oito) crianças matriculadas nos dois turnos (manhã e tarde), distribuídas em 17 (dezessete) turmas, contabilizando 17 (dezessete) professores efetivos. Os alunos atendidos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental correspondem a 156 (cento e cinquenta e seis) com 9 (nove) turmas, havendo em média 20 (vinte) alunos matriculados e 8 (oito) turmas da Educação Infantil com 112 (cento e doze) alunos ao todo, e aproximadamente 15 (quinze) alunos por turma, e ainda os auxiliares e estagiárias de sala.

Os funcionários da escola estão divididos entre equipes como: equipe da Secretaria, equipe da Coordenação Pedagógica, equipe da Ação Social, equipe da Psicologia, equipe de Nutrição, equipe de Apoio e equipe de Saúde. No quadro abaixo consta a quantidade de funcionários para cada setor da escola:



SETOR	QUANTIDADE
Secretaria	2
Coordenação Pedagógica	3
Cozinha	7
Setor de Almoxarifado	2
Setor de Nutrição	3
Setor de Psicologia	1
Setor Social	3
Coordenadora	1
Auxiliar de Enfermagem	2
Professores	20
Porteiro	2
Auxiliar de Serviços Gerais	9

Fonte: Escola pesquisada

O planejamento na escola acontece quinzenalmente no horário oposto às aulas nos turnos da manhã e da tarde, e é realizado pelo corpo docente com acompanhamento da coordenadora pedagógica. A escola tem serviços assistenciais médicos, psicológicos e pedagógicos que acontecem todos os dias, possuindo profissionais capacitados.

Possui vários projetos para melhor atender às necessidades dos alunos, como: Projeto de Alimentação Saudável, Projeto de Música e Projeto contra a Discriminação social. O primeiro enfoca alimentação saudável propondo dinâmicas e atividades para uma educação alimentar, que são elaboradas pelos estagiários de Nutrição. O segundo, enfatiza o reconhecimento da diversidade de estilos musicais, em que os alunos têm a oportunidade de escolher músicas para ser ouvidas durante as aulas, contribuindo assim para maior participação e atuação desses alunos nas aulas. O terceiro tem como objetivo estimular o respeito, combater práticas de discriminação dentro da escola, desenvolvendo palestras sobre o tema.

No próximo capítulo apresento as análises e discussões sobre os dados coletados através dessa pesquisa de campo.

#### 4 MINHA VIVÊNCIA NO CAMPO DE ESTÁGIO

Neste capítulo apresento minha vivência no campo de Estágio, elencando as observações realizadas, a regência, as impressões das crianças, através das suas falas, sobre essa vivência, assim como as contribuições dessa discussão para a formação do pedagogo e a reflexão sobre a importância do Estágio para minha formação. Seguindo essa ordem, procuro sistematizar como tudo foi pensado e construído, visando minha qualificação docente, vivenciando na prática como é ser professor (a). Em vista disso, Ghedin, Oliveira e Almeida (2015, p. 172) elucidam que,

Profissão docente é uma prática educativa que como tantas outras é uma forma de intervenção na realidade social. Entende-se que esta é uma das atividades de ensino e formação ligadas à prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade. Na sua acepção corrente é definida como uma atividade prática. O professor em formação está se preparando para efetivar as tarefas práticas de ser professor.

Nesse sentido, enfatizo que durante a formação docente, o Estágio seja de essencial importância para que haja esse momento de intervenção, de modo que o estagiário (a) consiga ampliar seus conhecimentos e aptidões ao longo da sua formação, refletindo acerca dos saberes que permeiam à docência, a partir de uma postura investigativa, reflexiva e crítica, diante da pluralidade de linhas de estudo que esse campo oferece.

Dessa forma, debruicei sobre esse tema de pesquisa com o intuito de perceber como os sujeitos do campo de Estágio - docentes e estudantes - avaliam as ações, práticas, contribuições, como percebem, enfim, o trabalho realizado pelos/as estagiários/as. Inicialmente, trago análises das minhas observações relativas a aspectos gerais da escola, ao trabalho da professora supervisora e de sua turma, quando da realização do Estágio Supervisionado IV. Em seguida, a regência e a perspectiva das crianças sobre ela.

#### 4.1. Observação

A observação na escola aconteceu durante 4 (quatro dias), uma vez por semana no turno da manhã (7h-15min – 11h15min). Era uma observação participante, em que eu ajudava a professora quando necessário, me aproximando das crianças, permitindo um maior entrosamento em sala para que eu pudesse entender melhor a dinâmica de trabalho desenvolvida e o interesse deles perante elas. Desse modo, consegui me adaptar rápido à rotina de sala de aula e com a ajuda da professora e dos alunos pude realizar a observação de forma tranquila. Neste momento, a observação tornou-se um instrumento de coleta de dados, possibilitando conhecer a realidade na qual eu iria intervir. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2009, p. 70),

[...] a observação também tem um sentido prático. Ela permite ao pesquisador ficar mais livre de prejulgamentos, uma vez que não o torna, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados ou de hipóteses testadas antes, e não durante o processo de pesquisa.

Entendendo isso, consegui participar ativamente durante o período de observação e identificar que no primeiro dia na sala de aula a professora me apresentou aos alunos, mas ela não sabia que eles já me conheciam do Estágio III, pois fiz os Estágios III e IV com a mesma turma. Foi um reencontro muito bom, já que os alunos lembravam de mim e das atividades que realizei, obtendo uma avaliação positiva por parte deles, em relação ao trabalho realizado, junto a eles.

O **primeiro dia** foi para realizar um diagnóstico geral da escola seguindo um roteiro de observação disponibilizado pela professora orientadora do Estágio. Portanto, consegui saber que, a escola tem serviços assistenciais médicos, psicológicos e pedagógicos, possuindo profissionais capacitados atendendo em uma sala específica. Em relação aos serviços multimeios há uma sala ampla que engloba biblioteca/sala de leitura, sala de vídeo e brinquedoteca. O funcionamento ocorre com frequência, sendo utilizado mais pelas crianças da Educação Infantil, já as do Ensino Fundamental não utilizam com muita frequência, pois têm aula de Educação Física, Espanhol e culinária toda semana.

A escola não possui sala de informática. Tem Projeto Político Pedagógico (PPP), e é elaborado pela coordenação e pelos professores. No momento, se encontra em avaliação, e na

última reformulação houve uma reunião dos pais em que foi apresentado e depois de ser avaliado será dirigido a Conselho Comunitário de Segurança Pública (CONSEP).

A escola não possui resultado do IDEB, pois segundo a diretora, à instituição não é registrada ainda, está à espera da finalização do PPP para ser dirigido e avaliado pelo CONSEP. Em relação ao planejamento é realizado pelo corpo docente de forma coletiva, através do acompanhamento da coordenadora mensalmente. A formação continuada acontece a cada dois meses, através de palestras, oficinas, contação de histórias, em que a temática é diferenciada e de acordo com a necessidade da escola. Acontece para todos os professores da escola.

As relações da gestão da escola com os professores, com os funcionários e com os alunos se dão de forma amigável e cordial. Os alunos no recreio brincam de maneira livre, em que podem desenvolver habilidade motoras, autonomia, a partir dos brinquedos, troncos, escorregos, túneis, que a escola dispõe para a recreação das crianças. A escola é ventilada, tem boa iluminação, tem plantas, é bem decorada com ilustrações infantis que trazem um ambiente lúdico e com os trabalhos das crianças, sendo assim, bem conservada.

A professora da turma em que realizei o Estágio tem formação em Doutorado em Educação, com tempo de experiência de dezessete anos. A turma tem dezenove alunos no turno da manhã. A sistemática adotada para o planejamento com os professores acontece uma vez por semana, em que há uma reunião com a equipe pedagógica. As avaliações do processo de aprendizagem dos alunos são realizadas, seguindo as orientações da escola, através de provas bimestrais e avaliações complementares diárias.

No **segundo dia** a turma a professora ficou um pouco deslocada diante da reação da turma que, quando me viu, pediu para que eu fosse dá aula, pois, segundo as crianças, elas não suportavam mais fazer tanta tarefa, e todos vieram me abraçar. Nesse momento percebi que a professora ficou desconfortável, mas tentei amenizar informando a eles que iria passar uma semana com a turma o que trouxe, aparentemente, a alegria de todos.

Todos entraram para a sala, pois a professora iria começar a aula, ela pediu para que quatro crianças fossem na sala ao lado, do quinto ano e, pedisse a professora o “material dourado”. Eles foram e assim que chegaram com o material ela pediu para que fizessem um círculo, de maneira que todos tivessem acesso ao “material”. Através dessa atividade supponho, que a professora irá perceber, os saberes já construídos pelas crianças pelo contato com o material, bem como responder às suas dúvidas, valorizar cada fala e socializar os saberes construídos com os demais, utilizando de uma nova fonte.

Nessa perspectiva, conhecer a criança implica observar suas ações-simbolizações, o que abre espaço para a valorização de falas, produções, conquistas e interesses infantis e faz da sala de aula um espaço de socialização de saberes e confronto de diferentes pontos de vista – das crianças, do professor, dos livros e de outras fontes – fazendo o trabalho se abrir ao novo, inédito, imprevisível e surpreendente (CORSINO, 2007, p. 62).

**Figura 1:** Alunos manipulando o material



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A professora pediu que as crianças representassem números decimais no “material dourado”, mas as crianças acabaram se dispersando porque elas não estavam totalmente envolvidas na atividade, pois apesar da aula se basear na utilização de um material novo para a turma, isso não foi suficiente para gerar seu engajamento.

Quando a professora pediu para organizar o material e guardá-lo ela chamou a todos até a sua mesa para explicar novamente como eles poderiam ter pensado e feito. Eles se surpreenderam ao perceber como foi fácil representar as quantidades pela maneira que a professora fez e começaram a fazer perguntas. Esse momento trouxe contribuições para as crianças,

[...] ao serem apresentadas oportunidades de problematização de situações envolvidas na programação escolar, de escolhas de aspectos de conteúdos de estudo, de caminhos possíveis para o desenvolvimento de respostas ou soluções para os problemas que se apresentam alternativas criativas para a conclusão do estudo ou da pesquisa, entre outras possibilidades. (BERBEL, 2011, p. 28)

O momento, do esclarecimento de dúvidas é essencial para que as crianças possam construir sentidos diante das atividades realizadas, assim como, conseguir identificar seus erros e acertos e ainda formular possíveis questões, que até mesmo a professora não tinha pensado. Pelo que percebi a professora não usa esse material com frequência, já que os alunos tiveram muita dificuldade de entender a representação dos números através deles, e até mesmo um aluno da turma comprou o material um dia anterior e levou para a escola, pois a professora mencionou que seria usado esse material na aula daquele dia.

Logo após, a professora começou a escrever no quadro uma tarefa de matemática para casa. E alguns deles, achando as operações muito fáceis de fazer, pediram outras difíceis, já outros pediram para não dificultar mais as operações. Sendo assim, a professora continuou a escrever e não modificou nada, o que deveria ter gerado uma reflexão da própria professora sobre essa colocação de alguns alunos e assim, ter modificado a atividade para abranger as especificidades de cada um. Como afirma, Berbel (2011, p. 28), ressaltando que, “O professor deve adotar a perspectiva do aluno, deve acolher seus pensamentos, sentimentos e ações, sempre que manifestados, e apoiar o seu desenvolvimento motivacional e capacidade para autorregular-se.”

Nisso, percebemos que as operações realizadas através de contas simples e básicas, são vistas por algumas crianças como algo elementar, visto que, estão um pouco mais desenvolvidas do que outras. Sendo assim seria viável, elaborar questões fáceis e outras mais difíceis para aqueles que estão mais avançados. Dessa forma, ela contemplaria a todos, tanto àqueles que não estavam conseguindo acompanhar com o mesmo ritmo, imposto pela professora, quanto aos demais serem desafiados para a resolução de questões mais difíceis. Utilizar de outras estratégias de ensino para o bom desempenho de todos, pois, “[...] atividades que envolvem operações mentais de alto nível e síntese, por exemplo, e de todas as outras operações que ultrapassam a memorização, ocorre o *estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico*.” (BERBEL, 2011, p. 34). Essa forma de estimular operações mentais de altos níveis torna o ensino mais desafiador e desenvolve o pensamento crítico, além de instigar a capacidade das crianças em resolver problemas.

No **terceiro dia** quando cheguei na sala a professora tinha passado uma tarefa do livro didático sobre as formas geométricas. A professora perguntou se eu poderia ajudar e eu afirmei que sim. Ajudei algumas crianças a recortar as figuras geométricas e desenhá-las também. Percebi que alguns não estavam gostando da atividade porque afirmavam que não sabiam desenhar e nem recortar. Esta resistência é comum em grande parte das crianças quando são postas a fazer esse tipo de atividade.

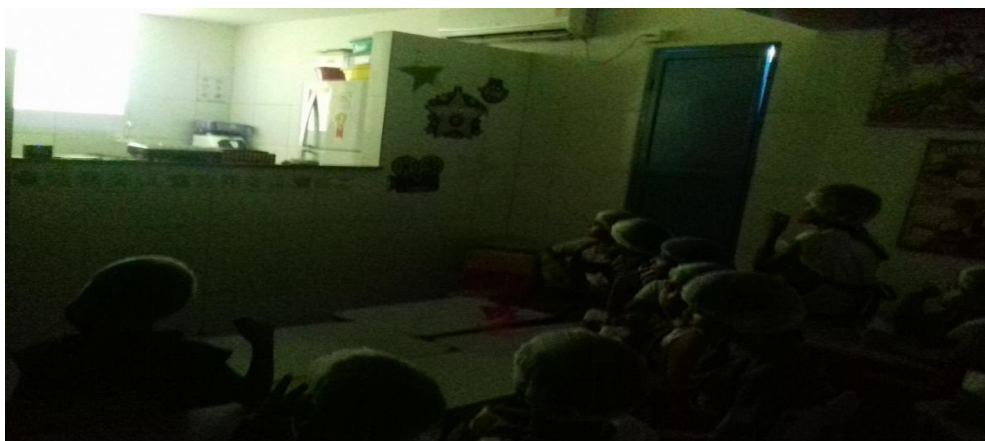
Essa é uma discussão muito presente no ensino de artes, porque as crianças trazem essa concepção estereotipada sobre “saber desenhar”, quando não se tem um padrão para desenho, cada produção infantil é válida. Mas, elas carregam esse estereotipo por influência externas, como os familiares, colegas e até mesmo alguns professores, que negam, as produções infantis, destacando “defeitos”, “imperfeições” na confecção dessas produções. Com isso, a professora explicou como eles poderiam fazer para recortar melhor e desenhar os círculos, já que a maioria não conseguia realizá-las com facilidade.

Enquanto isso, outra professora havia chegado na sala para chamar as crianças para a aula de culinária. Assim que todas terminaram, fomos para esta aula, em que eles aprenderam a fazer pipoca e assistiram a um vídeo de oito minutos sobre a importância de se alimentar bem. Eles demonstraram ter gostado do “cinema” improvisado na sala de nutrição e fazer a pipoca. Com essa atividade, percebe-se que sempre há,

[...] necessidade de se buscar diferentes alternativas que contenham, em sua proposta, as condições de provocar atividades que estimulem o desenvolvimento de diferentes habilidades de pensamento dos alunos e possibilitem ao professor atuar naquelas situações que provoquem autonomia, substituindo, sempre que possível, as situações evidentemente controladoras. (BERBEL, 2011, p. 37)

As habilidades de pensamento correspondem ao estímulo que as crianças recebem instigando-as a refletir, a se questionar sobre situações e ações, construindo seu conhecimento a partir das experiências proporcionadas a elas, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais.

**Figura 2:** Alunos assistindo ao vídeo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Depois disso eles foram para a sala e a professora escreveu três atividades no quadro para casa, uma sobre as formas geométricas, uma de leitura e outra de matemática. Eram tarefas simples, mas que exigia a autonomia e reforço do que foi aprendido em sala. Porém, percebe-se que eram atividades de conteúdos diferentes sem nenhuma articulação entre elas, como se fossem passadas para cumprir o conteúdo curricular do semestre.

Nota-se atividades fragmentadas na prática pedagógica da professora e o relato dos alunos foi confirmado nesse momento, por relatarem o cansaço perante as tarefas fragmentadas e sem atrativo, quando eram trabalhadas dessa forma. Quando eles ainda copiavam a professora de espanhol havia chegado, ela ficou esperando até todos terminarem. Antes de liberar a turma para a professora de espanhol levamos as crianças para a sala de leitura, onde cada um pegou um livro paradidático para casa.

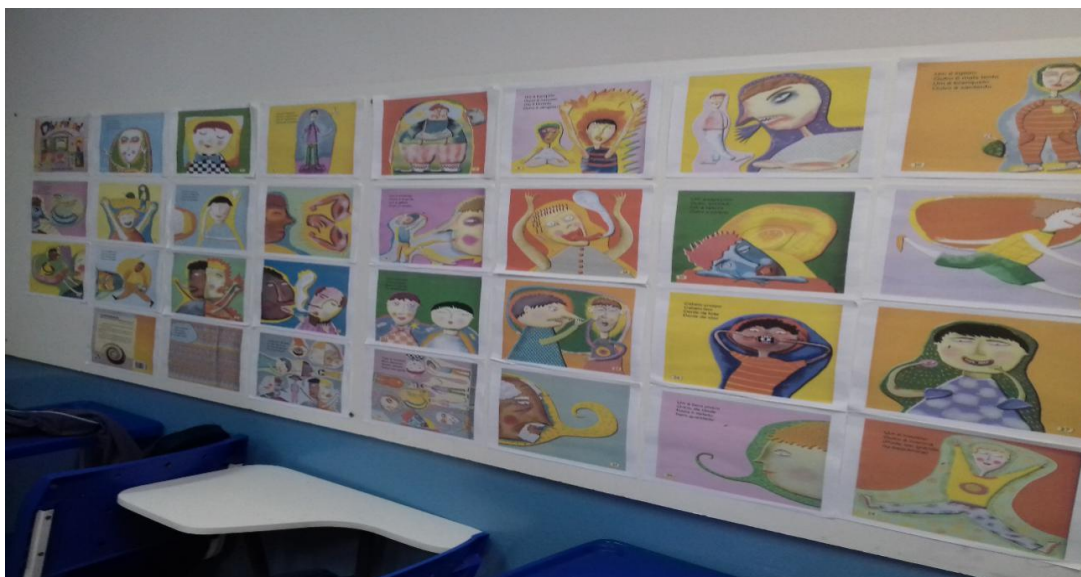
Assim, eles puderam ter autonomia para escolher sobre o que queriam ler, já que a professora os deixou livre. O professor nesse momento “[...] se torna cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora.” (MORAN, 2015, p. 26-27)

No **quarto dia** a professora começou a corrigir a tarefa de Português da aula passada. Percebi que os alunos estavam muito agitados e não conseguiam se concentrar na correção da tarefa. Foi um pouco difícil manter a atenção deles para a correção, pois nesse dia conversaram muito e não focavam no assunto da aula. Em alguns momentos quando prestavam atenção, eles traziam exemplos de experiências vividas por eles, ou por colegas e familiares da realidade deles, de maneira que a professora fazia a ponte desses comentários com o conteúdo trabalhado.

E dessa forma, a professora conseguia destacar “[...] os aspectos fundamentais dos conteúdos que se trabalham e que oferecem mais possibilidades de relacionar com o que conhece. ” (ZABALA, 1988, p. 91). Ela também remetia a outros exemplos para que eles pudessem entender melhor. Depois da correção a professora foi colar páginas de uma história infantil, no quadro de exposição dos trabalhos das crianças sobre o tema da diversidade o qual foi explorado durante o semestre. Todos ajudaram a colar.



**Figura 3:** História infantil sobre diversidade



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Assim que colou, leu para as crianças e pediu que cada um desenhasse a si mesmo, como eles se viam depois de perceberem as personagens da história, apresentando cada um com suas características de altura, cor de pele, tipos de cabelo, cor dos olhos, etc. Assim, cada um pegou uma folha que a professora entregou e começaram a desenhar. Nessa atividade houve o momento do registro, em que as crianças puderam expressar como se veem, sendo elas o foco da aprendizagem, e a partir disso,

O olhar sensível para as produções infantis permitirá conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas. A partir daí, será possível desenvolver um trabalho pedagógico em que a criança esteja em foco. (COSINO, 2007, p. 57)

Eles desenhavam e queriam ver os desenhos dos outros colegas, afirmando se estava bem desenhado ou não, perguntavam o que tinha no desenho do colega quando não conseguiam identificar. Começavam a rir quando os colegas falavam, porque na visão deles, tinha ficado muito “mal desenhado”.

Mais uma vez o desenho é enfatizado pelas crianças como uma atividade que nem todos conseguem realizar “bem”, na visão deles e por isso tanta crítica e auto crítica em relação ao desenho. Mas porque pensam e agem dessa forma? A discussão sobre essa temática

ainda é muito escassa nas escolas e os alunos acabam idealizando padrões de desenhos que muitas vezes são julgados pelos adultos. Essa desconstrução de pensamento deve ser trabalhada pelo professor, para que o ensino não fique restrito a padrões, no momento do desenho. Logo após, entregaram à professora e ela perguntou se haviam gostado da atividade e eles disseram que sim.

A partir disso, a professora comentou sobre a atividade e como eles se percebiam a partir delas e seus colegas também, mostrando a importância de respeitar o outro e aceitar do jeito que são. Depois a professora passou uma atividade de Língua Portuguesa para casa, sobre separação de sílabas, algumas letras parecidas com o som de ‘s’, rimas das palavras, criação de estrofes e de frases com substantivos estudados na aula do dia anterior. Todos conteúdos que iriam ser avaliados na semana de prova. E eles estavam preocupados com isso.

Nesse momento é possível notar que a preocupação das crianças se volta mais para a prova, com o intuito de alcançar uma boa nota e conseguir passar de ano, tanto pela pressão dos pais, como dos professores. Mas para aprender o conteúdo eles não se mostram preocupados, as pressões dos pais e da escola é que causa esse efeito e o desejo de aprender fica relegado. E a obtenção de uma boa nota se torna o principal fator no aprendizado. Alegaram que eram muitos conteúdos para estudar, sendo que a falta de atenção prejudicava-lhes o melhor entendimento, já que eles gostam de conversar muito durante a aula.

Eles gostam de estar sempre interagindo com os colegas, contando suas vivências, mostrando brinquedos que trazem para aula e isso prende a atenção deles, e querem ficar conversando sobre coisas que tem gostos em comum. No entanto, as preocupações são focadas na avaliação, na obtenção de boa nota e não há atenção às aulas, para conseguir compreender os conteúdos.

A diretora chegou para entregar um aviso à professora e eu me ofereci para colar na agenda das crianças. Enquanto isso, a professora de espanhol chegou. Assim que terminei de colar em todas as agendas, fui embora.

Neste período de observação aprendi a ter um olhar mais ampliado, profundo e investigativo sobre as práticas que vivenciei na sala de aula; ter uma maior aproximação e diálogo constante com a professora foi outro fator que contribuiu para um melhor entrosamento, tanto na participação como no momento seguinte, de intervenção.

Aprendi a como lidar melhor com as crianças, a como conseguir a atenção delas, a ter seu respeito, a como me aproximar de cada um – entendendo os conflitos presentes na turma –, e buscar maneiras de sanar isso. Tendo em vista isso, esse período mostra-se importante para que o estagiário perceba como ele se porta diante dessas situações, quais são

suas reações, suas percepções, até onde seu olhar investigativo pode ir, quais maneiras utilizará para sanar alguma dificuldade, como tornar sua relação prazerosa com as crianças e com a professora, buscando colher “frutos” positivos nessa observação participante.

#### 4.2. A regência: meus feitos e aprendizagens

A regência aconteceu durante 5 (cinco) dias no turno da manhã (7hs15min – 11hs15min), sob orientação da professora de Estágio e supervisão da professora da turma. As aulas duravam 45 (quarenta e cinco) minutos, seguindo a sequência de atividades elaboradas e realizadas um dia após o outro. Como eu já conhecia a turma, o andamento das atividades ocorreu bem, na medida que todos participavam.

Desse modo, a regência proporciona um momento em que o estagiário (a) experimenta aspectos próprios à docência, dentre eles o desenvolvimento de um planejamento de atividades, a percepção do seu desempenho diante destas, como se deu a sua desenvoltura e envolvimento dos estudantes com as mesmas, identificando aquelas atividades que deram certo ou não.

Assim, podemos aproveitar o Estágio de regência para articular todo o conhecimento que adquirimos na parte teórica e desenvolver na prática metodologias fazendo com que a escola caminhe em novos patamares de desenvolvimento deixando um pouco aquele modelo de escola tradicional e assim construir um modelo de ensino [...] (SANTOS; SILVA, 2017, p. 4)

Visto isso, consegui participar ativamente no desenvolvimento das atividades, havendo envolvimento dos alunos, auxílio e sugestões da professora em sala de aula, conseguindo engajamento na dinâmica da turma.

A escolha dos conteúdos trabalhados na regência, foi realizado junto com a professora supervisora do Estágio, sob orientação da supervisora orientadora da disciplina, para que houvesse uma ação conjunta, dialogada e planejada com os envolvidos do campo de Estágio.

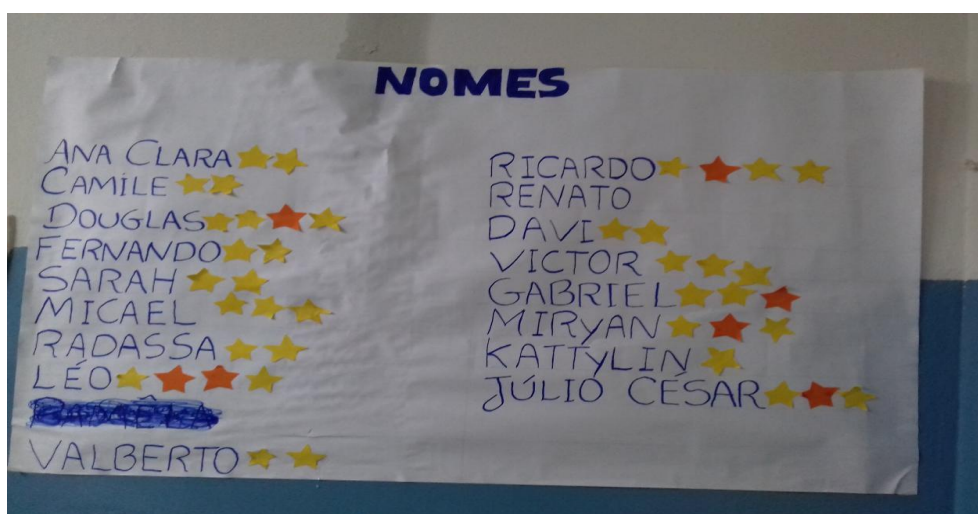
Dessa forma, em conversa com a professora pude elencar alguns conteúdos que os alunos estavam estudando naquele momento, para conciliar com a minha intervenção

trazendo esses conteúdos de uma forma mais atrativa e prazerosa para eles. Utilizei como temática a “Diversidade” e fui trabalhando os conteúdos a partir desse tema, conforme apresento, adiante, em cada dia os objetivos e conteúdos trabalhados e os desdobramentos da minha intervenção.

No **primeiro dia**, tive como objetivos, adentrar sobre a temática da “Diversidade”, inicialmente com um conto “O sapo apaixonado”, para sondar a percepção da turma a respeito dessa temática; perceber o nível de escrita deles, ao pedir que eles modificassem o final da história, elaborando um pequeno texto e identificando a compreensão de texto deles a partir da história lida.

As crianças assim que me viram perguntaram se eu iria dar aula e quando afirmei que sim, ficaram muito contentes. Esperei a professora chegar para iniciar a aula. Enquanto isso, fui escrevendo os nomes das crianças na tabela, com indicação do comportamento deles durante a semana. Cada um tinha o seu nome escrito na tabela, e a cada bom comportamento<sup>1</sup> durante os dias de aula receberia uma estrela, pois como conversavam muito não conseguiam se concentrar muito bem nas atividades. Com essa estratégia pude obter uma melhor concentração deles nas aulas, despertando a vontade e curiosidade perante a exposição dos conteúdos e das atividades. Desse modo, ao final de cada aula analisávamos o comportamento de cada um.

**Figura 4:** Lista com nomes dos alunos



<sup>1</sup> Essa estratégia não é a mais adequada, porque ela só soluciona o problema da indisciplina dos alunos em curto prazo, mas pelo pouco tempo que tive na escola não dá tempo utilizar de outras estratégias em que o resultado seja a médio ou longo prazo.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Iniciei o dia perguntando se eles sabiam o que era “conto”, alguns afirmaram que sim e outros não. Nisso, eu expliquei o que era e comecei a ler o conto O sapo apaixonado<sup>2</sup> para eles. Ficaram surpresos quando viram que o sapo se apaixonou pela pata, e as indagações vieram à tona, como: Mas como um sapo podia se apaixonar por uma pata? E os filhos deles como seriam? Essas perguntas iniciais nortearam o nosso debate sobre a questão da diversidade e das diferenças. Indaguei-os sobre o final da história, se o autor, quando escreveu criou esse final, o fez de forma intencional ou não. Assim, uma criança respondeu que ele queria mostrar que, apesar das diferenças, devemos respeitar todas as pessoas. Este contexto foi gerado a partir do meu entendimento de que é preciso “[...] gerar um ambiente em que seja possível que os alunos se abram, façam perguntas e comentem o processo que seguem, através das situações de diálogo e participação, como meio para a exploração dos conhecimentos prévios.” (ZABALA, 1988, p. 95).

Através dessa leitura, e desses questionamentos iniciais quis sondar, junto à turma, qual nível de compreensão das possíveis intenções do autor ao escrever essa história, eles poderiam identificar. A partir disso, pude introduzir um debate sobre o respeito às diferenças e a valorização do outro, do jeito que é. E como o final da história poderia ser escrito de diversas formas, incluindo outros finais felizes e tristes. Após o momento de discussão pedi que eles criassem um outro final para a história, visto que, “É preciso propor aos alunos exercícios e atividades que ofereçam o maior número de produções e condutas para que sejam processadas, a fim de que oportunizem todo tipo de dados sobre as ações a empreender.” (ZABALA, 1998, p. 93). Com isso, houve vários finais criativos e um tanto diferentes, fugindo, às vezes, um pouco da perspectiva da aula. Houve vários finais felizes, com casamento, filhos e alguns finais tristes. O intuito dessa atividade era sondar como se encontrava o processo de leitura e escrita deles.

Porém, nem todos quiseram escrever e preferiram desenhar, tentei fazer com que alguns escrevessem, mas não queriam, assim deixei-os desenhar, já que “a conjugação de linguagens desenho, escrita e oralidade, permite ampliar nossa compreensão sobre as práticas espaciais das crianças. A informação veiculada pelo desenho é complementada pela escrita e ampliada pelo relato oral.” (PÉREZ, 2004, p. 10). E na socialização contaram seu final para a

---

<sup>2</sup> O conto traz como personagens principais um sapo e uma pata, e a incerteza do que o sapo sente, por ter seu coração a bater rápido demais, suspeita-se que ele está apaixonado pela bela pata. O autor destaca em sua obra uma encantadora história de amor entre um sapo e uma pata.

história de acordo com o desenho. Alguns preferiram ler suas produções, e foi um momento bem divertido para eles, pois riam com os finais da história dos colegas.

Depois desse momento de socialização passei um vídeo do “Patinho feio” para reforçar o objetivo da aula sobre o respeito as diferenças, entendendo que não somos iguais. Contudo, não deu tempo de discutir o vídeo com eles, porque tiveram aula de Educação Física.

No **segundo dia** tive como objetivos retomar o que foi visto na aula anterior sobre a história contada; conceituar os adjetivos e substantivos de algumas frases da história respondendo a uma tarefa que elaborei e em seguida propor um jogo Cara a cara<sup>3</sup> relacionado a temática. Com isso, iniciei a aula fazendo um breve resumo sobre o que foi visto na aula anterior e em seguida adentrei sobre os conceitos de “substantivo” e “adjetivo”, expliquei, fiz exemplos no quadro e eles souberam responder muito bem às minhas perguntas, pois já tinham estudado sobre.

A exposição do conteúdo não foi muito longa já que eles sabiam identificar e diferenciar os dois conceitos e suas aplicações (substantivo e adjetivo) em uma frase, e também não pude me debruçar muito, pela questão do horário que as crianças da outra escola<sup>4</sup> iriam chegar. No entanto, não havia uma certeza que haveria essa visita, o que dificulta o planejamento, e as atividades são realizadas no improviso. Assim, passei a tarefa sobre o assunto e eles responderam muito rápido. Alguns demoraram mais que os outros, porque tinha uma questão sobre compreensão de texto da história do “Sapo apaixonado” que foi contada no primeiro dia de aula e alguns haviam faltado. Nisso, eu fui contar a história para que pudessem responder às questões.

Assim que todos responderam fomos corrigir coletivamente. A medida que percebiam que haviam errado, alguma questão, pediam a tarefa de volta para corrigir e me entregavam novamente. Percebi que era mais um momento de autocorreção que a professora estimulava neles e isso estava presente no cotidiano das aulas. A autocorreção contribui para que os alunos refletissem sobre seus erros.

Estavam muito ansiosos para jogar depois de finalizar a tarefa. Comecei com eles o jogo Cara a Cara com uma dupla de alunos que sabiam jogar, mas fomos interrompidos, pela

---

<sup>3</sup> Jogo de tabuleiro com imagens de vários rostos de pessoas diferentes, também chamado de “Adivinha Quem é?”. É jogado em dupla, e consiste na adivinhação da pessoa misteriosa que se está tentando adivinhar.

<sup>4</sup> Esta visita trata-se da realização de uma gincana entre os alunos das duas escolas, sobre a importância da boa alimentação. Assim, foram realizados jogos e brincadeiras em torno dessa temática.

professora do quinto ano, nos chamando para o pátio pois já estava na hora de começar a atividade de gincana com os alunos da escola Cidade Viva que haviam chegado.

Nesse momento, houve uma “quebra” na sequência da atividade, e a atividade acabou sendo fragmentada por interferências que não foram bem planejadas, já que, não se tinha certeza sobre a presença desses alunos na escola e a falta de planejamento prejudica os alunos.

A professora da turma não estava em sala, foi fazer a “recuperação” com dois alunos em outra sala. Então, levei-os para o pátio e fui informar à professora que eles estavam no pátio para a atividade, com os alunos da escola Cidade Viva. Nem a professora estava em sala e nem preparada para receber os alunos, o que dificultou melhor engajamento da turma na atividade.

**Figura 5:** Crianças no pátio



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Eles permaneceram fazendo a atividade no horário de nove até dez e quarenta. Quando voltaram para a sala estavam muito agitados e só deu tempo “acalmá-los” um pouco e iniciar um jogo de argolas, em que eles teriam que jogá-las para alcançar as varetas que tinham cores diferentes para cada um, valendo uma quantidade de pontos específica. Com essa atividade trabalhei o conteúdo de matemática sobre soma e subtração através de uma brincadeira, tornando o aprendizado mais atrativo.



**Figura 6:** Jogo da argola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Eram cinco varetas, contendo as cores: marrom, amarelo, verde, vermelho e azul, com pontuações de 10 a 50, que a partir de quatro rodadas com cinco chances para cada um, seria somado a quantidade de pontos feitos para eleger um ganhador.

A maioria gostou do jogo, mas outros não queriam jogar mais, pois acharam difícil, comentaram sobre a distância que foi estipulada para jogar as argolas e por não terem “mira” para que a argola alcançasse a vareta. Com isso, alguns não queriam continuar jogando, o que me fez refletir sobre a ideia de que a escola não parte muitas vezes do cotidiano dos alunos para que eles possam construir respostas necessárias ao enfrentamento de desafios no processo de aprendizagem. Sendo assim, Pérez (2004, p. 9) afirma que,

A escola ensina as crianças a pensar o mundo na perspectiva da lógica formal; o que do ponto de vista do processo de aprendizagem, tem resultado num conhecimento do mundo, ineficaz, impedindo a aquisição de novas posturas e a construção de respostas necessárias ao enfrentamento dos desafios que o cotidiano nos coloca.



Assim, ficamos até onze e quinze, pois já estava na hora de ir embora e os pais já estavam chegando. Depois disso, fui embora.

No **terceiro dia**, assim que a professora me viu me informou que não iria haver todas as aulas, porque a escola estava sem água, mas que eu poderia fazer algumas atividades e terminar às oito e meia, porque eles não podiam passar muito tempo na escola, sem ter água. Dessa forma, comecei a aula. O tema e os objetivos do plano para este dia eram: abordar as diferentes cores de pele; entender a variação da cor da pele dos seres humanos; entender que o racismo é um tipo de preconceito associado a etnias; compreender as diferenças étnicoraciais; conhecer o processo de escravidão dos negros.

Iniciei falando sobre a cor da pele, seus tipos, a variação das cores, indagando-os o porquê algumas pessoas têm pele mais escura que outras e qual a relação disso com o racismo e o preconceito. Perguntei se eles sabiam a que se deve essa diferença de tonalidades e como se adquiriu. Eles responderam que era devido ao sol, pois deram um exemplo de quando andavam muito no sol a pele ficava mais escura com o tempo. E eles estavam certos, pois devido à melanina o pigmento que dá cor à pele e ao cabelo, quando está exposta a uma maior incidência do sol, a pele queima e fica mais escura.

Percebi que as crianças tinham noções sobre o assunto e para que houvesse a construção do conhecimento, a partir do que eles já sabiam foi mais fácil fazer essa articulação. Objetivando também para que eles tivessem novos hábitos e comportamentos diante dessa informação, de cuidar da pele e não deixá-la desprotegida ao caminhar no sol, fazendo-os realizarem um pouco mais de esforço para compreender, guiando-os para um novo conhecimento, e para ampliação de suas aprendizagens a respeito. Isto porque,

[...] o ensino não deve se limitar ao que o aluno já sabe, mas que a partir deste conhecimento tem que conduzi-lo à aprendizagem de novos conhecimentos, ao domínio de novas habilidades e à melhora de comportamentos já existentes, pondo-o em situações que obriguem a realizar um esforço de compreensão e trabalho. (ZABALA, 1988, p. 97)

Sendo assim, questionamentos das crianças e outros feitos por mim, vieram à tona, como: Mas sempre houve essa variação de cor? E porque os povos africanos tinham a pele mais escura? A cor negra é inferior a branca? O que os povos antigos utilizavam para se proteger do sol? Como houve o clareamento da pele dessas pessoas ao longo da história?

Existe/ houve uma tentativa de branqueamento das pessoas? Porque os negros sofrem discriminação? Porque foram escravizados? Qual a relação de tudo isso com o racismo e o preconceito? Esses questionamentos e muitos outros foram sendo abordados durante a exposição do conteúdo e discussão.

Como a professora já tinha trabalhado sobre o tema da diversidade com eles, grande parte dos estereótipos que fazem parte das concepções que as pessoas têm ainda hoje, sobre as pessoas negras foram problematizados e eles conseguiram compreender bem, favorecendo o alcance dos objetivos. Deram exemplos que presenciaram de violência contra os negros, homossexuais e idosos. Falaram das “diferenças” entre os brancos e os negros que chamaram de racismo. Assim,

Para poder levar em conta as contribuições dos alunos, além de criar o clima adequado, é preciso realizar atividades que promovam o debate sobre suas opiniões, que permitam formular questões e atualizar o conhecimento prévio, necessário para relacionar uns conteúdos com os outros. (ZABALA, 1988, p. 95)

Dessa maneira, pude perceber que eles chegaram às conclusões diante das diversas situações descritas por eles. Diante disso, ressalto que, cabe a nós futuros pedagogos ampliar esses possíveis conceitos das crianças, pois alguns deles presenciaram cenas de violência contra negros, homossexuais e idosos, por exemplo. Portanto, quanto mais esclarecer e abordar esses assuntos como as crianças seu repertório de conhecimento vai sendo ampliado.

Continuei perguntando sobre o que eles sabiam a respeito da escravidão e eles mencionaram que aconteciam assassinatos, trabalhavam muito em condições sub-humanas, sofriam torturas, morriam, mulheres grávidas eram espancadas para perder seus filhos com a tentativa de branqueamento da população. Percebe-se que eles compreenderam diversos aspectos do processo de escravidão.

Logo após, perguntei se eles conheciam algum herói negro e eles falaram que conheciam um que tinha passado na TV; falei que não era esse tipo de herói, mas alguém que foi muito importante para a história dos negros no Brasil e eles não souberam dizer, porque não sabiam.

Diante disso, importa ressaltar a ênfase que a escola deve favorecer ao ensino acerca da cultura negra, dos heróis e dos feitos para a história desse povo, pois as crianças, na maioria das vezes, estão aprendendo a história dos povos africanos sob o enfoque apenas da

escravidão, e estudando o lado negativo da história desses povos. Para que haja mais interesse e motivação para entender como aconteceu esse processo, ressaltar os feitos, os heróis, príncipes, princesas da época irá significar mais estímulo e interesse para aprender, estabelecendo uma relação entre os conhecimentos prévios dos alunos, pois eles já sabiam da existência de reinados com os brancos, e o enfoque agora seria para os povos africanos. Sendo assim, Zabala (1988, p. 94), destaca que, “Para poder estabelecer os vínculos entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios, em primeiro lugar é preciso determinar que interesses, motivações, comportamento, habilidades, etc, devem constituir o ponto de partida.”

Desse modo, falei sobre Zumbi dos Palmares, perguntei se conheciam essa parte da História e só um aluno falou que já tinha ouvido falar. Após isso, reproduzi um vídeo sobre um pouco da história de Zumbi dos Palmares. Para que eles pudessem perceber que os negros não foram sempre escravizados, mas que existiam príncipes, princesas, até reis e rainhas onde eles moravam.

**Figura 7:** Alunos assistindo o vídeo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Depois desse momento de conversa e esclarecimentos passei uma música do “Mundo colorido” sobre o respeito e valorização da diversidade. Em seguida, passei o vídeo

sobre a escravidão dos negros, mas não deu tempo discutir o vídeo, pois já estava na hora das crianças irem embora.

No **quarto dia** tive como objetivos: aprender sobre medidas de tempo (dias da semana, hora e minuto); perceber como funciona a contagem do tempo no dia-a-dia; entender a importância das medidas de tempo; conhecer algumas medidas de tempo; identificar noções de tempo e espaço; aprender as representações de horas e minutos; identificar a hora no relógio de ponteiro; perceber como o sol era utilizado para medir o tempo nas antigas civilizações;

Com isso, adentrei rapidamente ao assunto sobre medidas de tempo indagando-os a respeito de quais medidas de tempo eles conheciam, deram exemplos como o relógio de ponteiro, relógio digital e ampulheta. Então, perguntei se o calendário era uma medida de tempo e disseram que não. Tendo em vista isso, expliquei que o calendário também era uma medida de tempo, mencionei o porquê da criação dele. Isto porque,

O cotidiano como um *significante flutuante do real-social*, implica a compreensão de que na vida cotidiana os significados não são fixos, se fundamentam na prática e emergem do modo pelo qual são usados na prática concreta. A construção de significados é um processo coletivo, que se encontra em contínua negociação-revisão-renegociação; portanto, ações, interpretações e significações [...] ‘’ (PÉREZ, 2004, p. 4)

Mas me remeti primeiramente ao relógio, perguntando quantos minutos tem uma hora, quantas horas tem um dia. Mostrei imagens sobre algumas medidas de tempo, como o próprio relógio, pedi que eles identificassem a hora dele, do relógio digital também, e perguntei quanto tempo media uma ampulheta, alguns acertaram e outros não. Depois de mostrar as imagens, peguei o relógio que fiz de isopor e comecei a organizar algumas horas pedindo para que eles identificassem que hora era aquela, um de cada vez. Assim, Zabala (1988, p. 96) afirma que,

É condição indispensável que vejam a proposta como atrativa, que estejam motivados para realizar o esforço necessário para alcançar as aprendizagens. Vale a pena considerar que, em geral, é preciso provocar o interesse e que este exige atenção para que ao longo do processo de aprendizagem não se dilua.

**Figura 8:** Exposição do conteúdo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Após isso, pedi que cada um representasse uma determinada hora, diferente, à medida que eu indicava a hora específica, assim que chamava um de cada vez. Contudo, não deu para mostrar a representação da hora em relógio digital, pois a professora esqueceu de levar suas canetas de quadro.

**Figura 9:** Contato com o material



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Logo após, pedi que formassem grupos de três alunos e entreguei imagens de relógios e suas respectivas horas para que eles identificassem qual hora era correspondente a do relógio de ponteiro, que estavam embaralhadas. Cada grupo recebeu seis relógios para identificar a hora. Esta proposta de atividade foi pensada porque,

É imprescindível prever propostas de atividades articuladas e situações que favoreçam diferentes formas de se relacionar e interagir: distribuições grupais, com organizações internas convenientemente estruturadas através de equipes fixas e móveis com atribuições de responsabilidades claramente definidas; espaços de debate e comunicação espontâneos e regrados [...]. (ZABALA, 1988, p. 93)

Assim, fui ajudando cada um deles a encontrar a hora exata, já que não tinham visto o conteúdo sobre medidas de tempo, até aquele momento.

**Figura 10:** Alunos realizando atividade em grupo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Depois que todos terminaram fomos juntos corrigir. Não deu tempo ver o calendário em si, porém deu para fazer a sondagem sobre o conhecimento deles a respeito. Perguntando, quantos dias tem uma semana, quantos meses tem um ano, quantas semanas tem um mês, quantas estações nós temos, e porque temos essas quatro estações? Como ela se dá?



Expliquei que era devido ao movimento de rotação e translação da terra, e eles no mesmo momento informaram que já tinham estudado esse conteúdo no terceiro ano.

Me remeti a esses dois movimentos da terra para que pudessem fazer a articulação com as estações do ano, que faz parte do viver humano. Assim, Pérez (2004, p. 8) afirma que, “quanto mais a prática é global e atinge as mais diferenciadas atividades do viver-fazer humano, mais ela necessita de um conhecimento articulado.” Quando terminei esse momento de explicações já estava na hora do recreio e não deu tempo vermos o calendário. Percebe-se a necessidade de mais tempo para a realização das atividades da regência, o curto período que temos, torna o momento de intervenção limitado e poucas são as possibilidades para utilizar de várias estratégias e atividades que contemplem os objetivos pretendidos.

Assim que voltaram, tiveram aula de dança que durou até dez e cinquenta, como algumas crianças não quiseram participar, essas voltaram para a sala. Após o intervalo resolvi começar com eles a avaliação da minha regência, e à medida que os outros chegavam participavam também, pois no dia seguinte eles iriam participar de um campeonato de Educação Física e não teria aula na escola, para eles.

A minha avaliação teve como objetivos avaliar tudo o que foi feito; perceber em que terei que melhorar; perceber a visão deles quanto às atividades realizadas e como essa experiência irá servir para minha formação. Com isso, enchi os balões e alguns me ajudaram a encher e começamos a estourar um de cada vez, respondendo às perguntas juntos, partindo de uma “[...] avaliação das experiências vivenciadas e a participação dos alunos em todas as atividades realizadas.” (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 26 )

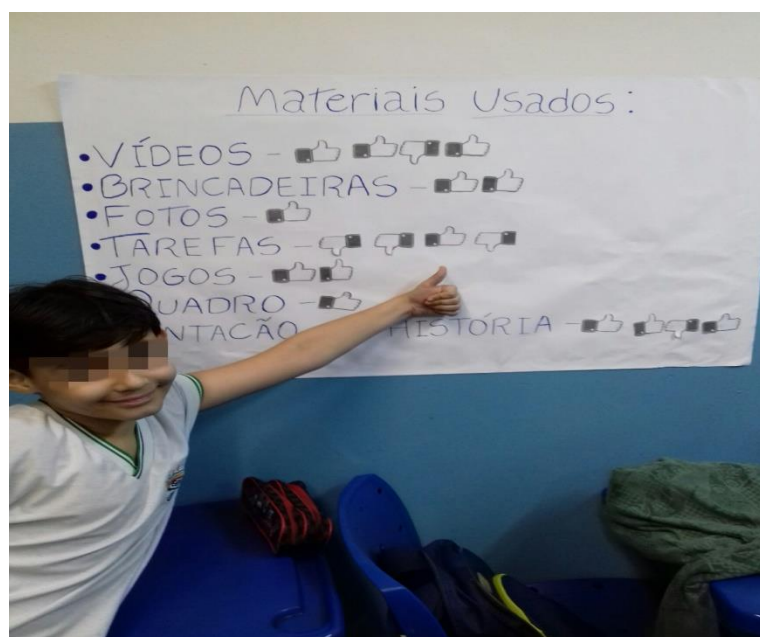
**Figura 11:** Alunos na avaliação da regência



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A professora me deixou gravar, o que foi muito bom, pois seria difícil para memorizar todas as respostas deles. Depois de responder todas às perguntas pedi que eles colassem um *emoji* representando “gostei” e “não gostei”, na cartolina em que tinha listado todos os materiais que usei na regência.

**Figura 12:** Avaliação dos materiais usados



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Assim, eles começaram a colar os *emojis*. Quando terminaram fomos colar as estrelas, todos receberam. E comecei a entregar as lembrancinhas, elas significaram um agradecimento meu para com os alunos, por realizar o estágio na turma e eles contribuírem nesse processo.



**Figura 13:** Momento de despedida



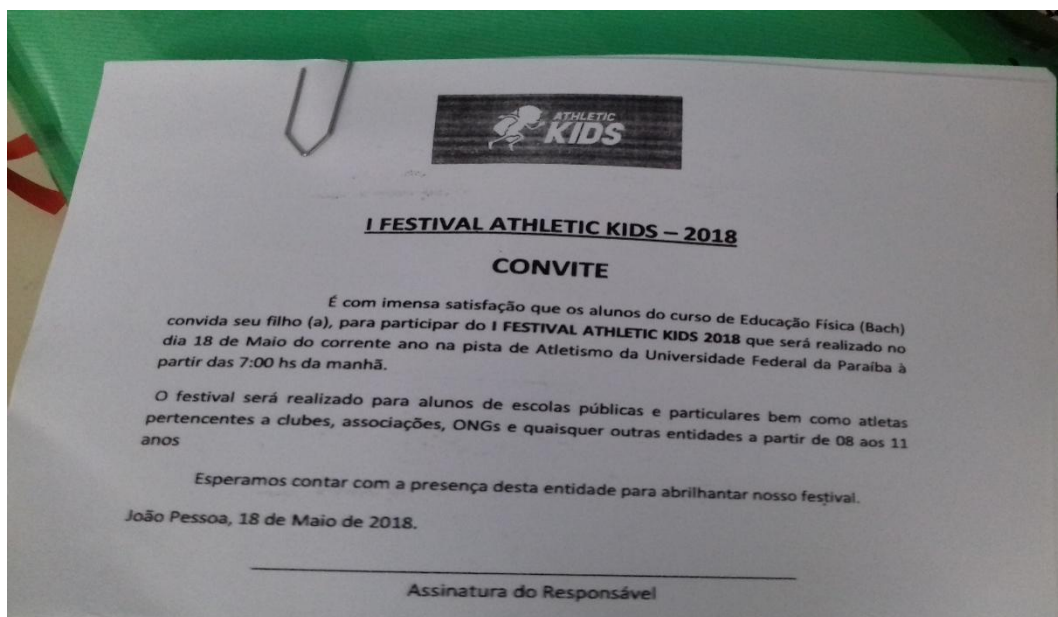
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Todos ficaram felizes, perguntaram quando eu ia voltar para dar aula novamente e eu disse que já estava terminando o curso e não iria dar mais aula para eles. Depois disso, fomos tirar fotos e fui embora.

No **quinto dia**, como haveria um campeonato de Ed. Física para as crianças, não pude continuar com as atividades da semana de regência, por isso finalizei no dia anterior. Com isso, fui acompanhá-los nas atividades, pois a professora me pediu e seria importante para mim, vivenciar esse momento com eles, como mais uma oportunidade de vivência para minha formação. ‘’Dessa forma, o período de Estágio/Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar.’’ (LIMA, 2008, p. 201)

Esse campeonato foi realizado somente com o quarto ano e precisou da autorização dos pais, por isso, foram notificados através de um convite.

Figura 14: Convite



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Esperei a professora chegar para organizar os alunos para o campeonato de Ed. Física que seria na pista de atletismo da UFPB. Alguns alunos já haviam chegado, perguntaram se teria aula, mais falei que não, estava ali só para acompanhá-los na atividade, já que "A observação do contexto e a investigação/intervenção que podem se constituir como aprendizagem da profissão docente." (LIMA, 2008, p. 203). Todos estavam ansiosos para a aula. Quando a professora chegou explicou as regras que eles teriam que seguir, para que tudo ocorresse bem, explicou um pouco sobre algumas provas do atletismo, principais atletas, de cada modalidade e perguntou que prova cada um iria realizar.

Chegando lá, os alunos se inscreveram nas modalidades que queriam participar. Tinha apenas três modalidades: corrida, salto à distância e arremesso de dardos.

**Figura 15:** Alunos no campeonato



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Alunos de outras escolas também estavam lá e as provas eram realizadas de acordo com a idade.

As provas eram divididas em grupos de alunos com idades diferentes, para cada modalidade específica e, no final haveria as premiações com medalhas de ouro, prata e bronze para respectivamente, primeiro, segundo e terceiro lugar. Eles poderiam participar em mais de uma prova. Alguns alunos da turma ganharam mais de uma vez o primeiro lugar em provas diferentes e posaram para foto em vários momentos, assim como, ficaram surpresos por receber mais de uma medalha. E ainda tinha medalhas menores para todas as crianças que vieram participar do campeonato, pois o que importa não é quem ganha e quem perde e sim o momento de brincadeira e diversão.

Neste período de regência, aprendi novas formas de ensinar, a como elaborar atividades mais contextualizadas e interdisciplinares, articulando um conteúdo ao outro utilizando de uma mesma temática. Aprendi a perceber mais sobre o aluno, as dificuldades deles, a origem delas, a ter um olhar mais compreensivo acerca dessas dificuldades, procurar formas de ajudar, de trazer a motivação em aprender. Aprendi a lidar com os imprevistos, sempre pensando alternativas de atividades extras, caso os alunos terminassem rapidamente a atividade e se dispersassem de modo a atrapalhar o outro colega.

Consegui perceber os interesses dos alunos e usar isso no momento de elaborar as atividades. Aprendizados como esses me fizeram crescer, no meu modo de lidar com a turma, na minha prática pedagógica durante esse momento de intervenção, possibilitando uma importante etapa para minha formação docente, ao me permitir ministrar a minha própria forma de fazer, organizando, criando e avaliando, minha prática. O Estágio, dessa forma se faz como importante ferramenta de sentir e testemunhar as minhas próprias conquistas, de independência, liberdade e autonomia no exercício da docência.

#### 4.3. A regência na perspectiva das crianças

As crianças desta turma, na qual fiz a regência, foram bem participativas e sempre questionavam tudo: os conteúdos apresentados, minhas ações e as práticas pedagógicas da professora. Cada percepção deles me fazia refletir sobre minhas práticas e da professora, tentando compreender o pensamento deles a respeito.

Com a regência, tive como objetivo, favorecer uma maior motivação das crianças para com os assuntos estudados, conseguindo, dessa forma, exercitar práticas pedagógicas, uma vez que havia maior interesse por parte da turma. Assim, ‘‘O estágio de regência é o momento de aprimorar a característica da didática do estagiário, sendo a oportunidade de proporcionar aos alunos uma motivação para estudar [...]’’ (SANTOS; ALEXANDRINO; ADORNI, 2013, p. 11)

Assim sendo, falas das crianças foram destacadas no momento de avaliação da regência, permitindo esse feedback sobre minhas práticas nos momentos e situações de intervenção. Perguntas direcionadas foram pensadas para esse momento de avaliação, como: O que vocês gostaram de estudar/aprender? Como vocês acham que as aulas poderiam ser melhores? Teve alguma atividade que vocês não gostaram? Vocês gostaram dos materiais que usei nas atividades?

Uma das perguntas foi direcionada a regência do ano passado - Vocês gostaram dos materiais usados nas aulas do ano passado? -, que realizei com a mesma turma, e para que eles pudessem perceber que utilizei a mesma dinâmica. Senti a necessidade de relembrá-los um pouco para que eles conseguissem notar essa relação de continuidade. Para iniciar o momento

de avaliação, indaguei-os com a primeira pergunta: “O que vocês gostaram de estudar/aprender?” Cada aluno respondeu respectivamente o que gostou de estudar/aprender.

*Aluno A: Gostei do negócio de disco, aquele que a gente jogou.*

*Aluno B: e eu gostei do desenho do computador.*

*Aluno C: eu gostei daquele do computador, do relógio, de hoje.*

*Aluno D: eu gostei do negócio de hoje, do relógio.*

*Aluno E: eu gostei do jogo.*

*Aluno F: eu gostei dos africanos.*

Pelas respostas é possível identificar que as crianças gostaram de aprender os conteúdos, através de vídeos, animações, por isso o relato dos alunos B, C e D sobre o uso do computador na exposição dos vídeos, uma vez que, utilizei meu notebook nas aulas, trazendo esses vídeos, animações e músicas para deixar as aulas mais atrativas.

Essas questões remetem à aspectos das metodologias ativas, abordagem que defendo nesse trabalho para a inovação das práticas docentes, à medida que, “As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas.” (MORAN, 2015, p. 18). A utilização de jogos, que estão presente nas falas das crianças A e E, conduz à constatação de que eles gostavam muito desses recursos nas aulas. Além disso, era comum parte da turma falar sobre as aulas da professora, afirmando que eram um pouco enfadonhas. Mediante isto os questionei com a seguinte pergunta: “Como vocês acham que as aulas poderiam ser melhores? ”

*Aluno A: se tivessem mais interação e mais jogos.*

*Aluno B: se tivesse mais diversão, aulas mais divertidas.*

*Aluno C: aulas com mais brincadeiras.*

*Aluno D: Eu acho que poderia ter mais desenhos.*

*Aluno E: existindo só vídeo.*

Diante das respostas percebemos que a palavra “interação”, “diversão” e “brincadeiras” foram citadas pelas crianças reforçando a discussão que trago nesse trabalho, de que tais aspectos devem permear as aulas, pois tornam-se imprescindíveis para que haja

mais envolvimento, participação e motivação para aprender. Dessa forma, Moran (2015, p. 18) elucida que,

Alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que ofereçam recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, em que se inserem em plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação [...]

Diante disso, o ensino ocorre de forma mais prazerosa, espontânea e atrativa contribuindo para promover o interesse de todos e o sucesso na aprendizagem.

Logo após, perguntei se não gostaram de alguma atividade, para que eu pudesse perceber em que tinha que melhorar, a partir de suas opiniões, pensamentos e possíveis sugestões: ‘Teve alguma atividade que vocês não gostaram?’

*Aluno A: Eu não gostei das horas do relógio, nem do cara a cara porque a gente nem jogou praticamente.*

*Aluno B: Eu não gostei do jogo das argolas tava muito difícil.*

*Aluno C: Eu não gostei do relógio.*

*Aluno D: Eu não gostei das argolas.*

As atividades que as crianças afirmam não terem gostado, durante a regência, foram a exposição do conteúdo sobre as horas do relógio, acharam difícil, pois não tinham estudado esse assunto ainda e não tinham muita facilidade para compreender e conseguir e ter êxito nos desafios propostos sobre estes conteúdos. O jogo das argolas foi outra atividade que não gostaram, visto que, também acharam difícil para conseguir uma boa pontuação à medida que jogavam as argolas nas varetas e alguns não conseguiram realizar o jogo com agilidade. Eles não gostaram do jogo, pelo fato de não conseguirem alcançar a pontuação com facilidade e percebiam que alguns colegas conseguiam realizar facilmente. Com isso, percebe-se que algumas crianças têm preferência pelo que é fácil, embora os desafios no processo de ensino e aprendizagem, são essenciais.

Tendo em vista isso, me remeti aos materiais usados nas aulas do ano passado, com o intuito de compreender a percepção deles a respeito desses recursos. Assim, indaguei-os: “Vocês gostaram dos materiais usados nas aulas do ano passado?”

Aluno A: *Eu achei legal*

Aluno B: *Foi boa*

Aluno C: *Eu gostei*

Aluno D: *Gostei e muito, porque eu me diverti*

Nas falas das crianças percebemos que a avaliação a respeito dos materiais usados nas aulas do ano passado foi positiva, todos gostaram e acharam divertido. Precisei lembrá-los de algumas atividades que foram realizadas, já que, alguns não lembravam, e à medida que eu falava quais foram as atividades, recebia a aprovação de todos. Mas, para que eu pudesse elencar tais recursos utilizados, eles teriam que compreender os objetivos dessa avaliação, para que toda a intervenção pedagógica pudesse responder às minhas primeiras intenções, finalidades e propósitos.

Diante disso, Zabala (1988, p. 21-22), afirma que, “As finalidades, os propósitos, os objetivos gerais ou as intenções educacionais, ou como se queira chamar, constituem o ponto de partida primordial que determina, justifica e dar sentido à intervenção pedagógica.” A partir do Estágio, desse momento de intervenção, pude dá sentido às minhas práticas pedagógicas tendo em vista os objetivos e propósitos que tentei alcançar. Além disso, vale destacar que,

[...] a escola se beneficia da inserção de novas metodologias de ensino, preenche lacunas de aprendizagem, modifica comportamentos e torna suas ações mais prazerosas. E o Estágio, deixa de ser puramente um componente curricular e passa a produzir conhecimentos sobre a escola e com a escola para a educação, ganhando um estatuto epistemológico conferido às práticas educativas, capazes de estabelecer conexão entre escola e universidade, entre teoria e prática. (CARVALHO, 2016, p. 13-14)

Em seguida perguntei sobre os materiais usados nessa regência, para que eles notassem a relação de continuidade da mesma dinâmica que utilizei o ano passado com eles: “Vocês gostaram dos materiais que usei nas atividades?”

Todos gostaram dos materiais que usei na regência, e uma das crianças ainda acrescentou que “as brincadeiras foram as melhores”, já que constantemente eram desafiadas, eram postas a fazer escolhas, a descobrir algo novo e realizar sempre comunicação com os colegas a fim de alcançar as etapas da brincadeira e serem superadas. Nesse sentido, “No que se refere à aprendizagem, utilizar a brincadeira como recurso é aproveitar a motivação interna que as crianças têm para tal comportamento e tornar a aprendizagem de conteúdos escolares mais atraente.” (CARDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 101). Para finalizar indaguei-os sobre as brincadeiras nas aulas com o intuito de perceber na fala delas, o interesse por essa atividade: Vocês gostam de brincadeiras nas aulas?

Todos: *Sim, porque deixa a aula mais divertida*

Foi unânime o gostar das brincadeiras nas aulas, pelas crianças. A partir delas, as crianças aprendem com mais entusiasmo e se dedicam mais, às atividades. Visto isso,

A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira a criança, sem a intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento do ser quanto para o social. (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 97).

A educação, assim, torna-se estimuladora, o professor frisando a percepção lúdica com seus alunos, para que tenham sucesso na aprendizagem baseados em parâmetros e referenciais dotadas de sentidos, significados e representações.



## 5 CONCEPÇÃO DE ESTÁGIO DOS PROFESSORES

A análise dos dados remete a uma abordagem qualitativa na tentativa de compreensão e interpretação da realidade, mediante os dados coletados no decorrer do trabalho de campo, embasando-se nos objetivos da pesquisa e fundamentando-se teoricamente a partir deles.

Assim, o modelo de análise dos dados discute os procedimentos adotados para discutir a interpretação dos dados. Essa discussão pode utilizar como parâmetro, modelos já existentes, apontados por autores, utilizados em outras pesquisas e/ou modelos novos. É preciso lembrar que o modelo de análise deverá estar em consonância com a abordagem da pesquisa. (BRENNAND; MEDEIROS; FIGUEIREDO, 2012, p. 198)

Desse modo, este capítulo está sistematizado e organizado de modo a apresentar as análises originárias dos dados coletados, a partir da observação, participação e regência, em uma turma de 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, assim como da entrevista semiestruturada, junto a dois professores orientadores da disciplina de Estágio supervisionado e dois professores supervisores do campo de Estágio, bem como da roda de conversa com as crianças da turma na qual o Estágio IV foi realizado.

Para melhor identificação e sigilo para com os participantes da pesquisa, utilizei letras do alfabeto para nomeá-los seguindo essa ordem: supervisor A, supervisor B, orientador A, orientador B. Para os alunos a mesma conduta, aluno A, aluno B, aluno C, e assim por diante.

Quanto a análise e discussão dos dados, segui, em volta da questão de estudo para as duas visões dos sujeitos (supervisor e orientador) sobre suas concepções de estágio. Contemplando assim, suas percepções, indagações, como percebem e avaliam o Estágio Supervisionado. Assim, os dados foram sistematizados e analisados de acordo com a apresentação a seguir: “Concepção de Estágio de dois professores supervisores” e “Concepção de Estágio de dois professores orientadores”

### 5.1. Concepção de Estágio de dois professores supervisores

A partir do que já foi abordado, vimos que o Estágio nos cursos de formação de professores, possibilita que os discentes, futuros professores, compreendam a complexidade das suas ações, através da observação e da análise crítica e ressignificações das práticas já exercidas pelos profissionais, que atuam na escola permitindo assim um preparo para sua futura inserção profissional. Assim, o Estágio “contribui para a sua finalidade, que é formar professores a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 44).

Nesse sentido, as vivências no Estágio Supervisionado, isto é, a observação e a intervenção buscam oferecer instrumentos que possam gerar análise e investigação de práticas institucionalizadas, colocando-as em questionamentos, entendendo que as teorias são explicações da realidade, e o “estágio como uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas.” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 47). Visto isso, busquei averiguar como os professores supervisores percebem/avaliam o Estágio Supervisionado, através da seguinte pergunta: “Como você percebe/avalia o Estágio supervisionado?” e obtive a seguinte resposta da supervisora A,

Ao meu ver o estágio supervisionado ele é parte integrante da formação do curso de pedagogia de futuros pedagogos e pedagogas, porque vai aproximar a realidade das vivências existentes no cotidiano da escola.

Na resposta da supervisora A percebemos que ela compreende o Estágio como parte integrante para a formação de futuros pedagogos, aproximando-os do cotidiano da escola, e dessa forma, consegue destacá-lo como importante meio que permite melhor vivência da prática docente na escola. Já a professora supervisora B<sup>5</sup>, respondeu,

O Estágio Supervisionado, ele faz parte da formação. Então, para você exercer sua profissão você tem que ter parte teórica e parte prática de seu aprendizado. Assim, o estágio supervisionado compreende parte prática do cotidiano mesmo, da profissão que você vai exercer, ele vai te ajudar a compor um repertório de práticas que você vai

---

<sup>5</sup> Para sigilo e anonimato dos participantes da pesquisa, utilizo de letras do alfabeto para nomear cada participante, seguindo a sequência de supervisor A e B, orientador A e B. Assim como, com as crianças.

desenvolver futuramente quando você assumir a sua sala de aula. No entanto, o estágio supervisionado deve ser agregado as concepções teóricas que você vai estudar ao longo do curso. Então, cada vez que você vai ampliando seu conhecimento teórico você vai percebendo na prática como que esse conhecimento teórico se desenvolve e aí tem várias dimensões, sobre o estágio supervisionado, tem a relação professor-aluno, professor-professor, criança-criança, equipe técnica, equipe gestora, equipe de apoio. Tudo isso faz parte de um contexto do estágio supervisionado. Então cada etapa, você vai vivenciar de acordo com o estágio supervisionado que você estiver cursando.

A supervisora B traz na sua fala o Estágio como parte prática e teórica do curso, uma discussão que foi abordada nesse estudo, destacando ainda a dimensão das relações e interações que ocorrem na escola. Relações estas que se dão, entre professor e aluno, professor e professor e criança e criança. Sobre este aspecto, Zabala (1988, p. 101) assevera que,

Entender a educação como um processo de participação orientado, de construção conjunta, que leva a negociar e compartilhar significados, faz com que a rede comunicativa que se estabelece na aula, quer dizer, o tecido de interações que estruturam as unidades didáticas, tenha uma importância crucial.

Nesse sentido, continuei indagando-as sobre a possível contribuição do estágio para a formação docente, com a seguinte pergunta: “Você acha que o Estágio contribui para a formação docente? Como ?” E assim, obtive a seguinte resposta da supervisora A,

Sim contribui, porque é um momento que enquanto estudante do curso de pedagogia se tem uma aproximação com o cotidiano da escola, com os alunos, com os professores, muitas vezes com os projetos existentes na escola, com a forma didática que o professor utiliza na sala de[onde] que está sendo feito o estágio, porque a partir do momento que se faz o estágio em sala e se faz em outra sala, esse aluno de pedagogia já vai observando as didáticas das pedagogias existentes do universo do espaço da escola.

A docente atribui ao Estágio a possibilidade do formando ter uma aproximação à realidade da escola, através da observação e vivência de vários aspectos e situações neste espaço, partindo-se do pressuposto que ele é complexo e rico em aprendizagens sobre a profissão docente. Por isso a exigência para que os formandos, observem a escola como um

todo, bem como as diferentes didáticas criadas e recriadas pelos professores. A partir daí, os (as) estagiários (as) “escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram.” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 35). Já supervisora B, enfatizou,

Com certeza, ele é parte integrante da formação docente. O estágio, ele vai te possibilitar desenvolver ações e propostas de trabalho, de intervenção pedagógica de acordo com aquela realidade te apresenta. Então, não adianta a gente ter várias leituras, várias discussões amplas, no sentido teórico do conceito se a gente não for na prática e de fato perceber como esses conceitos se desenvolvem e se apresentam. Então, a sala de aula ela é sempre uma caixinha de surpresa, cada dia vai ter uma realidade pra você desenvolver e aí a base teórica ela vai te dá subsidio reflexivo, crítico, provocante para você compreender essa realidade e poder atuar nela, poder estimular o conhecimento, estimular o senso crítico da criança, aproveitar a curiosidade dela. Então, a flexibilidade que a profissão do pedagogo exige ela é construída exatamente no estágio supervisionado, na prática de observação, de intervenção, de auxílio e assistência ao professor. É todo um contexto de ações, não é só observação, você precisa intervir também.

O relato da supervisora B, demonstra a clareza que ela tem acerca das várias ações que devem ser implementadas pelo estagiário, objetivando favorecer a construção da identidade docente, necessária ao exercício profissional.

Sendo assim, abordei, igualmente, as possíveis contribuições do Estágio para a escola (alunos e professores), indagando-as com a seguinte pergunta: “Você considera que o Estágio contribui para a escola (alunos e professores)? Explique”. A resposta da docente A foi,

Sim, contribui porque a partir do momento que a gente recebe estagiários a gente também tá fazendo uma avaliação da nossa própria prática a partir do momento que o estagiário ou a estagiária ela venha, ou ele venha, observa e depois vem com a regência mesmo sendo dialogado com o professor que já está em sala de aula, mas é um momento também da gente fazer uma avaliação de práticas didáticas. Então, o estagiário da escola não deixa de ser um momento também de reflexão quanto nós professores já atuantes em sala de aula.

A intervenção pedagógica que acontece na semana de regência durante o Estágio é destacada pela docente como um momento de avaliação das práticas pedagógicas que os professores atuantes da sala de aula já exercem. Vale destacar que, embora a docente não

menção, há contribuições mais amplas que o Estágio traz para os alunos e professores, como por exemplo o incentivo para o estagiário e ao próprio professor, já atuante em sala de aula, para desenvolver práticas de pesquisa, buscando ser um pesquisador da sua prática diária que, por consequência, gera uma formação continuada. Isto porque, nesse momento, está buscando saberes construídos em uma prática mais específica, com a elaboração de projetos específicos para a sala de aula, planos de aula que utilizem das metodologias ativas, o uso da brincadeira, para tornar o ensino mais atrativo, por exemplo.

Dessa forma, estará também contemplando as dificuldades dos alunos e melhorias do aprendizado; para o estagiário, ao recriar no Estágio o fazer pedagógico, através da possibilidade de utilizar metodologias ativas, mais propícias para uma aprendizagem significativa, acaba por instigar os alunos da sala de aula a um ensino problematizador, e em consonância com seus interesses.

O Estágio, dessa maneira, proporciona essa construção do saber-fazer docente que, através de atividades construídas pelos formandos, contempla uma formação do profissional pesquisador. O estagiário dessa forma, acaba por experimentar formas desse fazer docente, atuando na sala de aula no campo de Estágio. Portanto, a contribuição do Estágio pode se dar, principalmente quando se pauta nas metodologias ativas. No entanto, para isso

será necessário que os participantes do processo as assimilem, no sentido de compreendê-las, acreditem em seu potencial pedagógico e incluam uma boa dose de disponibilidade intelectual e afetiva (valorização) para trabalharem conforme a proposta, já que são muitas as condições do próprio professor, dos alunos e do cotidiano escolar que podem dificultar ou mesmo impedir esse intento. (BERBEL, 2011, p. 37)

Com as metodologias ativas o educador pode traçar seu fazer pedagógico de forma mais ativa, possibilitando as crianças o contato com atividades que desenvolvam sua autonomia e criticidade mais rápido, garantindo assim, a conquista da sua independência. Por sua vez, a supervisora B respondeu com a seguinte perspectiva,

Sim, com certeza, porque como um processo formativo o estagiário ele deve não só participar observando o estágio, mas ele deve também intervir na ação do educador. Então, isso vai ajudar tanto o profissional que tá sendo observado, que tá ajudando, que tá contribuindo com sua própria formação, quanto com você como observado. Então é uma via dupla, é algo que um vai ajudar o outro e o professor que é o concedente do estágio ele também vai contribuir com a formação dele, porque a

medida que ele ensina ele também aprende. Então é uma troca, tanto o professor se recicla na ação do estagiário quanto o estagiário se recicla na ação do professor. Então, um ajuda o outro, é uma parceria diária que vai ampliando o repertório de práticas pedagógicas.

Na fala da supervisora B ela nos remete à uma contribuição do Estágio que é a troca entre professores e estagiários, uma vez que o Estágio permite a ressignificação das práticas dos professores e aprendizagem por parte dos/as estagiários, no período de observação, participação e regência, em relação as práticas dos professores já atuantes em sala de aula. Ela afirma que há essa troca de saberes didáticos, ações que vão ampliando o repertório de práticas tanto do estagiário como do professor.

Entretanto, no Estágio também encontramos lacunas as mais diversas e dentre elas, algumas são decorrentes do âmbito escolar. Por isso, foi uma das questões que eu trouxe à tona para as professoras, indagando-as da seguinte forma: “Você acha que há alguns limites/lacunas no Estágio Supervisionado? Explique”. E a resposta da supervisora A foi a seguinte:

Lacunas sim, limites sim, como também a gente que está em sala de aula também tem, a gente tá todo dia aqui e vamos encontrar limites seja de estrutura física, seja de material, seja as vezes de uma comunicação truncada, de projetos mal elaborados e isso existe no processo de sistema educacional e como estagiária essa lacuna também existe porque é algo que você vem uma vez na semana e você também não tem esse cotidiano sequencial, há uma quebra porque você faz um estágio que é uma vez na semana, você não tá todos os dois para você também ter uma ideia desse sequencial da sala de aula, mesmo assim sendo uma vez por semana ainda é muito importante para a formação do pedagogo ou da pedagoga.

Na visão da docente o Estágio tem limites e lacunas, até porque no próprio sistema educacional já existe isso. Contudo, ela ainda faz uma crítica quando enfatiza o fato de o estagiário não estar presente todos os dias no Estágio, apenas uma vez por semana, havendo uma fragmentação, dificultando a compreensão do todo, a continuidade da sala de aula. Entretanto, finaliza afirmando que mesmo sendo uma vez por semana, ele é muito importante.

De fato, esse fator se constitui como um dos limites do Estágio já que a carga horária destinada nos cursos de licenciatura não consegue abranger a amplitude das possibilidades e um período maior de intervenção, o que fragiliza um pouco as intervenções na escola.

Em contrapartida, apesar do curto período de tempo têm-se que aproveitar ao máximo, já que “sua finalidade é criar uma cultura de análise das práticas, tendo em vista suas transformações pelos professores com a colaboração dos professores da universidade e dos estagiários.” (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 178).

A supervisora B, respondeu da seguinte forma,

Umas das críticas que eu faço ao estágio supervisionado é justamente a falta de conhecimento sobre a importância do estágio por parte do estagiário. As vezes o estagiário vem para a escola sem saber a dimensão e a importância desse estágio na vida dele e também como ele fosse apenas ter um olhar crítico em relação àquela ação, como se as ações que acontecessem na escola fossem ações que deveriam ser criticadas por parte dele. Então as vezes cria esse conflito, e o que é o estágio? Não é só olhar com um olhar crítico, mas contribuir com essa realidade da qual você não concorda. O que eu vejo como limite é isso, as vezes o estagiário não tem experiência que a profissão docente possibilita como práticas de longo prazo e julgar uma ação do professor como equivocada. Então assim, troca, inverte-se um papel de observador e aprendiz para um papel de julgador. Então, o estagiário ele tem que saber que, ele pode até fazer uma crítica, ele pode até fazer uma observação, ele pode contribuir com a prática, ele pode discordar da prática, mas ele não vai ser aquela pessoa que tem total conhecimento dessa prática, porque afinal ele está em fase de formação.

Na fala da supervisora B encontramos algumas críticas sobre lacunas que ela identifica durante o Estágio, ao afirmar que alguns estagiários não estão cientes sobre a importância do Estágio e acabam por julgar ações do professor em sala de aula. Tendo em vista isso, Moran (2015, p. 18) elucida que, “Nas etapas de formação, os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, a estabelecer conexões não percebidas, a superar etapas mais rapidamente, a confrontá-los com novas possibilidades.”. A docente continua sua fala, destacando que não está fazendo generalizações,

Lógico que não estou dizendo que todos os estagiários passam por isso, eu estou dando algumas possibilidades de limites dessa prática de estágio e no sentido de intervenção também, as vezes o estagiário por não observar e não ter tanta experiência exige nas suas práticas de intervenção, elementos inadequados para a faixa etária, inadequados para a exigência de determinada série. Então falta, um pouco assim, uma proximidade maior do professor de estágio, do curso de graduação com o estagiário no sentido de orientar essa prática, porque o estagiário vem e ele mesmo constrói a prática dele de acordo com o que ele imagina que seja uma prática, mesmo sem ter ainda essa prática. Então, precisa que o professor de estágio esteja diretamente envolvido na construção da proposta de intervenção do estagiário e em diálogo

também com o profissional que vai ser o concedente de estágio. Quando há esse diálogo estagiário, concedente de estágio e professor da disciplina o estágio tem muito mais a oferecer, muito mais possibilidades de contribuir com essa formação continuada, tanto de quem observa, de quem intervém, e de quem é observado.

Finaliza argumentando que limites como falta de comunicação e diálogo entre o professor orientador do Estágio, o estagiário e o professor da turma pode acarretar uma intervenção pedagógica inadequada para as crianças. Ao contrário, havendo maior envolvimento entre esses três sujeitos haverá mais possibilidades de oferecer sucesso na intervenção e conseqüentemente para sua formação. Dessa maneira, Moran (2015, p. 19) defende que, “O articulador das etapas individuais e grupais é a equipe docente (professor/tutor) com sua capacidade de acompanhar, mediar, analisar os processos, resultados, lacunas e necessidades, a partir dos percursos realizados pelos alunos individual e grupalmente.”

Nesse sentido, a compreensão da importância de cada sujeito durante o Estágio, me fez indagá-las sobre seu papel como supervisor (a) no Estágio e como realiza essa supervisão. Assim, fiz a seguinte pergunta para as professoras supervisoras: “Qual é seu papel como supervisora de Estágio? Como você faz esta supervisão?” E a resposta dela foi a seguinte,

O papel primeiramente é um papel de uma educadora que abre espaço de diálogo, abre espaço de acolhimento, de afetividade, porque o estagiário ou estagiária, ou meu ver é aquele aluno de pedagogia que chega com toda expectativa, com todos os seus pensamentos de como é essa realidade em sala de aula. Então, o meu papel, além de acolher, além do papel afetivo, também é de diálogo, um diálogo esse que está num planejamento que vai ser realizado em sala de aula, na didática que vai ser realizada em sala de aula. Então, essa conversa com o estagiário ela é importante, como também no fazer do estagiário a partir dos conteúdos e das vivências que estão sendo feitas em sala de aula dando esse suporte para que o estagiário realmente consiga entrar em conexão do que já vem sendo realizado em sala de aula.

A professora A trouxe princípios na sua fala, como espaço de diálogo, acolhimento, afetividade, que vários autores defendem, quando tratam de Estágio, para relatar como acontece seu papel de supervisão, assim como no planejamento da didática que vai ser realizada em sala junto com o estagiário (a). Sendo assim, traz conceitos importantes e que são tratados durante a dinâmica de Estágio. Por sua vez, da supervisora B, obtive a seguinte resposta,



Eu procuro deixar o estagiário a vontade para observar ele também. Então, quando a gente começa a relação de estágio, eu vou vendo até onde ele vai, observo a questão da iniciativa, participação, do diálogo que ele estabelece com as crianças, as possibilidades de abertura, de diálogo também comigo. Quando eu percebo que não está fluindo muito eu vou lá e dou uma sugestão do estagiário se envolver mais no cotidiano da escola, porque você trabalhar junto de crianças, você tá observando crianças, observando uma prática pedagógica de uma sala de vamos dizer de vinte crianças para um professor e você ficar estático numa relação dessa, esse é um problema que eu vejo, que quanto mais interação, socialização e diálogo entre todos os indivíduos desse mesmo espaço melhor é o estágio. Então, eu costumo dá esses “toques” quando tem um estagiário sob minha supervisão e no sentido de material para a aula, quando ele solicita utilizar o mesmo conteúdo que estou trabalhando em sala de aula, eu ofereço o material, ofereço também ajuda no que for preciso e dou toda a abertura na sala de aula para que ele desenvolva tranquilamente suas ações, sem cobranças e sem olhares críticos.

A supervisora B levanta aspectos na sua supervisão como iniciativa, sugestão, interação, que são requisitos fundamentais para que haja maior envolvimento do estagiário com o seu campo de atuação. A supervisora diz possibilitar o acompanhamento do estagiário (a) no seu processo de intervenção durante o Estágio, ela se mostra importante a medida que o professor (a) supervisor (a) também orienta, dá sugestões e contribui para uma melhor intervenção e entrosamento com as crianças por parte do estagiário, nesse processo de construção da sua própria prática.

Diante disso, houve a necessidade de ouvi-las sobre mais algum ponto a ser destacado sobre a temática de Estágio, a fim de evidenciar mais perspectivas a serem discutidas de acordo com a visão das professoras supervisoras, por isso a necessidade de realizar a seguinte pergunta: O que você gostaria de acrescentar acerca deste tema (Estágio)? A docente supervisora A, respondeu

Lembro-me agora que às vezes sinto falta de quem chega a esse estágio de mostrar também o que já tem de escrita, o feedback, porque as vezes o estagiário chega, observa, faz a regência, a gente faz a avaliação e vai embora e depois a gente não tem esse contato. Então, acho que esse feedback desse estagiário pra gente professor, seria muito importante para nossa prática.

A professora relatou algo que acontece muito no campo de Estágio, após o seu término: em grande parte dos casos não se tem mais contato com o supervisor (a) e esse feedback o que seria fundamental para avaliação da sua própria prática. E ainda sim, os

professores podem criar projetos específicos e mais significativos para seus alunos já que recebeu o feedback das aulas, podendo se inspirar nele e elaborar propostas ligadas a inovações. Assim, a supervisora B, respondeu

Eu gostaria de acrescentar que um estágio supervisionado, principalmente relacionado as primeiras fases do ensino fundamental ele precisa ser mais de médio prazo, porque geralmente são três observações e nem sempre te dão um respaldo suficiente pra você desenvolver sua prática. Três observações não têm como dá também, suporte pra descrever uma ação pedagógica, pra descrever a realidade daquela sala de aula. Então, três ações você não sabe se o cotidiano daquela escola funciona na forma daquele dia que você estava observando. Então, seria interessante ampliar um pouco esse processo de observação. É inviável você passar três dias observando, uma vez por semana, ou de quinzena e descrever exatamente como é o contexto dessa sala de aula. É preciso ter uma observação continua, mais rigorosa para poder descrever e ampliar sua própria prática.

Na fala da supervisora B ela destaca algo que é muito discutido na disciplina de Estágio Supervisionado pelos alunos, pois o tempo de observação e participação é curto para que se tenha uma boa compreensão sobre a escola como um todo e o contexto em que ela está inserida. Já que, “[...] quanto mais alternativas de atuação pedagógica que o professor tiver experimentado/desenvolvido durante a sua formação inicial, melhores condições pessoais e profissionais disporá para atuar com seus alunos e no conjunto das atividades escolares.” (BERBEL, 2011, p. 37). E assim,

Tendo em vista isso, trago a seguir as concepções de Estágio dos professores orientadores para melhor entendermos como o Estágio está sendo percebido, pensado e orientado por esses profissionais.

## 5.2. Concepção de Estágio de dois professores orientadores

As relações que se desenvolvem no campo de Estágio são necessárias para facilitar a aprendizagem, sendo assim, se deduz para o professor orientador uma série de funções como ponto de partida para que haja uma atuação docente adequada, por parte do estagiário, permitindo-lhe encontrar sentido no que está fazendo, estabelecendo metas ao alcance, canais

de comunicação e contribuições dos conhecimentos adquiridos na realização das atividades práticas do estagiário. O planejamento da regência é uma atividade essencial à formação do licenciando, o qual deve ter a clareza de que “Planejar a atuação docente de uma maneira suficientemente flexível para permitir a adaptação das necessidades dos alunos em todo o processo de ensino/aprendizagem.” (ZABALA, 1988, p. 92).

Tendo isso em vista, o estagiário sob orientação docente irá traçar seu caminho de atuação e intervenção de acordo com os parâmetros estabelecidos pelos professores orientadores e supervisores, e seu acompanhamento constante, identificando seu progresso na estruturação das atividades.

Quer dizer, um planejamento como previsão das intenções e como plano de intervenção, entendido como um marco flexível para a orientação do ensino, que permita introduzir modificações e adaptações, tanto no planejamento mais a longo prazo como na aplicação pontual, segundo o conhecimento que se vá adquirindo através das manifestações e produções dos alunos, seu acompanhamento constante e a avaliação de seu progresso. (ZABALA, 1988, p. 94)

Mas o Estágio e o papel do orientador não se restringem a isto, entretanto é importante entender como o orientador percebe essa etapa. Assim, indaguei os professores orientadores sobre que orientações devem ser feitas ao aluno/estagiário, para que, consigam alcançar progresso na sua atuação docente e, assim, contribuir para sua formação. A pergunta foi a seguinte: “Quais as principais orientações que devem ser feitas ao aluno/estagiário?” A orientadora A, respondeu da seguinte forma,

Como você se refere ao Estágio em Ensino Fundamental que envolve o processo inicial da escolarização formal, elenco alguns pontos:

- Necessidade de compreender a docência como uma área profissional da Pedagogia que exige saberes diferenciados pedagógicos, científicos, curriculares;
- Que o componente de Estágio Supervisionado deve articular outros componentes curriculares, tanto do período em estudo quanto de outros períodos;
- Compreender o Estágio como componente teórico e prático, sendo necessária a reflexão sobre os diferentes aspectos observado/vivenciados;
- Que no Estágio em docência, é de suma importância a observação e interação com a turma do estágio, uma vez que essa etapa é base para a intervenção;
- É preciso planejar as atividades de regência, tomando como ponto de partida a etapa de observação, considerando as dificuldades e possibilidades de trabalho na turma;

- Necessidade de apresentar no processo de vivência, respeito e consideração pelos profissionais da escola, mas também, contribuir com práticas docentes inovadoras.

Na sua fala, a docente aponta as premissas que pautam as atividades do Estágio para os alunos, como a compreensão de vários saberes pedagógicos, a necessidade de articulação com outras disciplinas, a reflexão do que foi observado, a interação com os sujeitos do ambiente, para que haja o planejamento da sua intervenção e em seguida a vivência dela. Todos esses pontos elencados resumem a atuação do estagiário.

Entendendo a perspectiva que o Estágio aborda, os estagiários na sua realização, aprendem sobre sua importância e consequentemente lidam com as suas expectativas em relação ao Estágio, sendo agora, mais profundas. Dessa forma, o orientador B, respondeu,

Inicialmente tento conduzir os alunos a entenderem a importância do estágio enquanto momento de contato com a realidade com o objetivo da verificação do que se aprende na universidade. Ao entender isso, o aluno ao ser inserido no campo de estágio tem um olhar mais atento as práticas docentes, levando em consideração tudo em seu entorno, tais como o tipo de gestão da escola, ambiente de trabalho, público alvo, entre outros. Por isso, faz-se necessária a realização de um diagnóstico do campo do estágio.

O docente no seu relato destaca pontos, como o olhar mais atento às práticas docentes e a realização de um diagnóstico do campo de estágio. São perspectivas que só são desenvolvidas durante o Estágio, pois é quando temos esse olhar mais atento, mais específico e analítico das ações e do próprio ambiente, em que essas ações se desenvolvem, elaboradas e recriadas. Para que isso aconteça, os próprios estagiários têm que perceber essa mudança de olhar mais profundo, crítico e investigador.

Nessa perspectiva, foi necessário indagar aos orientadores de Estágio sobre a avaliação, de um modo geral, que fazem a respeito do Estágio Supervisionado, com o seguinte questionamento: “Como você avalia o Estágio supervisionado, de um modo geral?” A orientada A, respondeu

Uma possibilidade real de adentrar-se na prática profissional de qualquer profissão. Muitas vezes, é a partir do Estágio que muitos profissionais avaliam as escolhas feitas quanto à área de atuação.

De forma sintética ela avalia o Estágio como uma possibilidade de vivência para a construção identitária de qualquer profissão e de certa forma também permite avaliar as escolhas feitas para sua área de atuação. Desse modo, é importante perceber que o Estágio também possibilita essa construção da identidade profissional e faz o estagiário refletir e se perceber diante das suas escolhas, quanto à sua área de atuação. Vale ressaltar que principalmente na docência, é essencial, estar ciente sobre sua escolha, para que assim se tenha futuros docentes comprometidos com a escola, alunos e sociedade.

Entendendo isso, os estagiários têm que assumir posturas comprometidas e emancipatórias com o ambiente escolar e os sujeitos que ali atuam. Nesse sentido, o orientador B complementa afirmando que o Estágio é,

Muito importante e sua produtividade ou não dependerá muito de como o estagiário se colocará no campo de estágio, qual sua proposta e objetivos para tirar o máximo de proveito do estágio a ser realizado.

Na fala do professor, percebe-se que ele traz mais uma discussão que também foi abordada nesse estudo, no que se refere aos resultados que o Estágio traz, dependendo da postura que o estagiário assume no desenvolvimento das atividades, ligadas a este componente curricular. Pois aí está a possibilidade de tirar várias lições, aprendizados e saberes para sua formação, que em nenhum outro momento terá igual. Cada estágio promove situações de aprendizagem acerca de concepções e perspectivas diferentes, sendo intrínseca a sua relevância.

Seguindo essa perspectiva continuei a indagá-los como avaliam o Estágio na UFPB para entender como percebem essa dinâmica dentro da instituição e como ela influencia no trabalho de orientação e efetivação dos alunos quando chegam no campo de Estágio, com a seguinte pergunta: ‘‘Como você avalia o Estágio da UFPB?’’ A orientadora A, respondeu

Só posso falar do Estágio da UFPB, referindo-se ao trabalho feito no Curso em que atuo. Penso que a carga horária fica muito fragmentada quando temos as idas às escolas em apenas um dia na semana. E, na Pedagogia, fica mais fragmentado porque tem 5 estágios que iniciam e terminam em um semestre, o que exige que a cada período se tenha etapas de observação/participação, planejamento e realização de regência, o que dificulta o aprofundamento de vivências didáticas.

No relato da professora, ela enfatiza bem que o trabalho fica fragmentado, prejudicando o aprofundamento de vivências e acaba por tornar o Estágio limitado. Esta apreciação vai ao encontro de umas das críticas que a supervisora B relatou na sua fala na entrevista, em relação ao curto tempo que os estagiários passam no campo. O que dificulta a melhor compreensão sobre o espaço como o todo, o acompanhamento das rotinas e das práticas diárias da professora em sala de aula, sendo a continuidade e aprofundamento das experiências do Estágio, aspectos essenciais. Já o orientador B, levantou a seguinte perspectiva,

[Considero] Bom, embora faltem políticas internas que deem melhores condições aos professores da disciplina para acompanhar seus alunos no campo de estágio. Falta um laboratório de práticas docentes que poderiam auxiliar também na disciplina.

Ele destaca uma perspectiva interessante sobre o uso de um “laboratório”, como uma alternativa para trazer melhores condições de acompanhamento dos alunos no campo de estágio. O que deveria ser utilizado para atingir melhores resultados dos alunos perante sua atuação no campo. Seria um ambiente de pesquisa e utilização de mediações específicas e conteúdos concretos para a vivência de práticas pedagógicas docentes. Assim, os laboratórios de “práticas docentes”, como sugere o professor constituiriam um elemento mediador muito importante ao aprimoramento da formação dos licenciandos.

Com isso, para finalizar indaguei-os sobre como o Estágio pode contribuir para a aprendizagem e o trabalho do professor, com o intuito de trazer à tona a percepção deles a respeito desse campo e para a reformulação de novas concepções de Estágio. Assim, questionei-os: “Na sua perspectiva, como o Estágio pode contribuir para a aprendizagem dos alunos nas escolas e o trabalho do professor?” A orientadora A, relatou

Penso que o estágio contribui quando o estagiário assume uma função mais de parceiro e investigador que de avaliador da realidade da sala de aula. Quando o professor contribui se sente parte do processo, sugerindo e opinando sobre as ações do estudante e quando o estudante apresenta propostas inovadoras, ousando fazer diferente com consistência, finalidade e organização.

Na sua fala a docente traz palavras como parceiro, investigador, inovadoras e consistência, a partir dessas menções grande parte do que foi apresentado nesse trabalho podem ser sintetizadas nestas palavras citadas pela docente. Assim, Lima (2008, p. 202) destaca como o estagiário deve agir no campo de Estágio, “Trata-se do estagiário aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos sobre a escola, não mais de forma descomprometida, mas com o olhar de professor.”, e professor pesquisador. O orientador B, dessa forma, responde,

Sempre acreditei que o estágio é o momento em que o estagiário consegue fazer a junção entre teoria e prática, de tal modo que os conhecimentos adquiridos na academia passam a fazer mais sentido para eles. Muitas vezes os estagiários se encontram em sua profissão a partir do estágio.

De fato, o depoimento do professor corrobora uma prerrogativa do Estágio: possibilitar a articulação entre teoria e prática, para que o formando sinta-se capaz para autodesenvolver-se, bem como alcançar melhorias na sua qualificação profissional. A questão da identidade profissional é destacada também por esse professor, pois qualquer profissional ao passar pelo período de Estágio, muitas vezes, se encontra no curso e tem a certeza sobre sua escolha, porém também pode acontecer o contrário.

A partir da análise das entrevistas com os professores supervisores e professores orientadores, elenco algumas ideias centrais que foram evidenciadas nos dados coletados e suas análises, para o estudo desse tema. O Estágio compreende, mais do que a relação de teoria e prática no campo, como foi relatada na fala dos professores. Ele é visto como uma oportunidade de experimentar a vivência, de pesquisar sobre ela, bem como reconhecer a importância do Estágio como parte da formação de qualquer profissional, principalmente do pedagogo, quando se tem como uma das finalidades, analisar as práticas pedagógicas.

Permite também a reformulação de novas teorias a partir da vivência nesse campo, perante as análises feitas das práticas diárias dos profissionais, alicerçado pela pesquisa, pois se deseja investigar, rever e criar outras formas de transformar a realidade. Essa atitude pode partir tanto dos estagiários como também dos professores que já lecionam, para a reformulação e criação de novas teorias, de novas práticas pedagógicas e novas formas de ver, investigar e questionar o ensino e a aprendizagem como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar as percepções dos sujeitos envolvidos no Estágio Supervisionado dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, acerca das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado. E como objetivos específicos, buscou-se: caracterizar a percepção dos professores e orientadores de Estágio acerca da importância desse componente curricular; caracterizar a relação das crianças com a estagiária e sua visão acerca das atividades propostas; e, por fim, desenvolver uma autorreflexão acerca da minha atuação no Estágio, enfocando as contribuições deste componente curricular para a formação profissional do pedagogo.

Quanto aos objetivos definidos para este estudo os professores/supervisores ressaltaram a importância do Estágio para a formação docente e para as trocas entre estagiários e professores/as, mas apontam a necessidade de que haja mais tempo para o desenvolvimento das atividades e que elas tenham mais continuidade. Os professores orientadores (as) apresentam a concepção de que o Estágio contribui para a aproximação entre teoria e prática, para a construção da identidade docente, bem como possibilita uma relação de parceria com a escola e ainda possibilita desenvolver a postura investigativa.

Mais adiante, analisei a relação das crianças com as atividades de aprendizagem e obtive os seguintes resultados: consegui perceber os interesses dos alunos em atividades realizadas a partir de jogos, brincadeiras e vídeos obtendo retorno satisfatório na sua execução, havendo questionamentos dos alunos sobre os conteúdos, sobre minhas ações e práticas pedagógicas. Houve maior motivação para aprender diante dos recursos utilizados, como músicas, vídeos, animações, brincadeiras, jogos, tornando as aulas mais interativas e divertidas, conforme relato dos alunos, no momento do feedback. O processo de ensino e aprendizagem dessa forma, ocorreu de maneira prazerosa.

Finalmente o último objetivo foi desenvolver uma autorreflexão sobre minha atuação no Estágio. Enfoquei as contribuições desse componente curricular para a formação profissional do pedagogo e pude constatar que o Estágio promove um olhar mais ampliado, profundo e investigativo sobre as práticas vivenciadas em sala de aula; proporciona uma aproximação, quanto as formas de lidar melhor com as crianças, e conseguir a atenção delas, obtendo seu respeito. Além disso, o Estágio permite ao futuro pedagogo a criação de estratégias para superação de alguma dificuldade e conflitos, configurando uma importante



etapa para a formação docente, quando permite ao estagiário ministrar fazer, organizar, criar e avaliar, sua prática.

Diante disso, percebo ainda, aspectos que podem ser aprofundados nessa pesquisa, como o Estágio desenvolvido por estudantes de Mestrado e Doutorado em cursos de graduação buscando entender como se comporta, como acontece as percepções desses estudantes sobre a importância do componente curricular. Outro aspecto que destaco é acerca da necessidade de um feedback ao final do Estágio, entregue ao professor/supervisor, pois foi um fator abordado pelas duas professoras/supervisoras entrevistadas, pois raramente isso é feito pelos estagiários. E por fim, os limites/lacunas que o Estágio compreende é outro aspecto que merece ser aprofundado, para que se possa investigar quais são, qual sua origem e que ações podem ser realizadas para suprir ou amenizar essas interferências.

Tendo em vista isso, elenco algumas sugestões para superar as dificuldades para a melhoria do Estágio. Possibilitar um período maior para a vivência no campo traz mais momentos de experimentação e diagnóstico do que ocorre na sala de aula, favorecendo uma melhor compreensão sobre as dificuldades enfrentadas na dinâmica de sala de aula. Contribuir para uma melhor intervenção na semana de regência. Incentivar os estagiários a realizar um feedback e dar um retorno ao professor/supervisor ao final do Estágio. E ainda, gerar mais envolvimento e interação entre o (a) professor (a) da sala de aula, e as crianças, pois foi um fator destacado pelas professoras.

No tocante as aprendizagens, com esse trabalho eu aprendi a ter uma postura de pesquisadora, a ter um olhar mais ampliado e aprofundado sobre o ambiente em que estou inserida, não só o ambiente educacional, mais qualquer outro que me provoque dúvidas, incertezas e questionamentos, sobre ações e os sujeitos que ali atuam.

Os estudos realizados nesse trabalho, bem como as experiências vivenciadas trouxeram contribuições para minha formação como pessoa, profissional e pesquisadora. O primeiro deles se refere a oportunidade que tive em lidar com experiências particulares de cada pessoa, aprendendo também com elas, com seus medos, inseguranças, desenvolvendo laços afetivos e empatia por elas; o segundo, quando pude realizar esse estudo, observando os saberes construídos ao longo dele e no final perceber o quanto foi prazeroso e instigador para minha formação e vida profissional, e o terceiro, diz respeito à minha consciência sobre o quanto eu pude crescer, com um olhar mais ampliado e investigativo sobre a realidade do contexto educacional e as práticas pedagógicas vivenciadas, contribuindo para a construção da minha autonomia e a intensificação do desejo de ser uma profissional pesquisadora.

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Jane. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. 1995. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/845/852>. Acesso em: 30/05/2018.
- ANDRÉ, Marli. **Práticas inovadoras na formação de professores**. São Paulo: Papirus, 2016.
- ARAÚJO, Geiza. **Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional**. 2010. Disponível em: [http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao\\_GeizaAraujo\\_2010.pdf](http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao_GeizaAraujo_2010.pdf) Acesso em: 28/05/2018.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. v.32, n.1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- UFPB. **Projeto Político Pedagógico Curso de Pedagogia**. 2006. Disponível em: [https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/documentos.jsf?lc=pt\\_BR&id=1626698](https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/documentos.jsf?lc=pt_BR&id=1626698). Acesso em: 25/02/2019.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. 2015. Disponível em: <http://ced.ufsc.br/files/2015/07/RES-2-2015-CP-CNE-Diretrizes-Curriculares-Nacionais-para-a-forma%C3%A7%C3%A3o-inicial-em-n%C3%ADvel-superior.pdf> Acesso em: 25/02/2019
- BRENANND, Eládio; MEDEIROS, José; FIGUEIREDO, Maria. **Metodologia científica na educação a distância**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- CANDAU, Vera. **Reinventar a escola**. 7. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.
- CARVALHO, Antonia Dalva França. **Cotidiano escolar, estágio e os desafios da escola básica: sentidos do aprender e do ensinar**. 2014
- CORDAZZO, Scheila; VIEIRA, Mauro. **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento**. 2007. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a09.pdf>. Acesso em: 15/01/2019.
- CORSINO, Patrícia. **As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento**. 2. ed. Brasília, 2007.
- GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela; ALMEIDA, Whasgthon. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v.8, n.23, p. 195-205, jan./abr.2008.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, Maria; DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MORAN, José. **Metodologias ativas**. v.2, p. 15-33. São Paulo: 2015.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 23, n. 1. P. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399>. Acesso em: 07/02/ 2018.

PÉREZ, Carmem Lúcia. **Leituras cotidianas e espaços praticados: imagens do conhecimento do mundo. Uma reflexão teórico-metodológica sobre a função alfabetizadora da geografia nos anos iniciais da educação fundamental.** Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/textos/GT13/gt131241int.pdf>. Acesso em: 25/05/ 2018.

PIMENTA, Selma; LIMA, Maria. **Estágio e docência.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma; LIMA, Maria. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/10542/7012>. Acesso em: 30/05/2018.

SANTOS, Adriana. **O estágio como espaço de elaboração dos saberes docente e a formação do professor.** Presidente Prudente: 2008.

SANTOS, José; SILVA, Júlio. **Estágio de regência no ensino médio: algumas reflexões.** 2017. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA1\\_ID6034\\_17102017155010.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA1_ID6034_17102017155010.pdf) Acesso em: 15/01/2019.

SANTOS, Rândilla; ALEXANDRINO, Daniela; ADORNI, Dulcinéia. **O estágio de regência na uesb: reflexões do ensinar em química.** 2013. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8436\\_4584.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8436_4584.pdf). Acesso em: 15/01/2019.

SILVESTRE, Magali. **Prática de ensino e estágios supervisionados: da observação de modelos à aprendizagem da docência.** Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd1=5668&dd2=3820&dd3=&dd99=pdf> Acesso em: 30/05/2018.

VICKERY, Anitra. **Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental.** Porto Alegre: Penso, 2016.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

## APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1 TEMÁTICA	Diversidade
2 OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir pequenos textos;</li> <li>• Aprender sobre medidas de tempo;</li> <li>• Perceber como funciona a contagem do tempo no dia-a-dia;</li> <li>• Entender a importância das medidas de tempo;</li> <li>• Conhecer algumas medidas de tempo;</li> <li>• Identificar noções de tempo e espaço;</li> <li>• Conceituar o adjetivo e substantivo das frases;</li> <li>• Interpretar pequenos textos;</li> <li>• Compreender as diferenças étnicoraciais;</li> <li>• Conhecer o processo de escravidão dos negros;</li> <li>• Perceber o outro como diferente, mas igual</li> <li>• Entender que o racismo é um tipo de preconceito associado a etnias;</li> <li>• Identificar as características físicas de si e do outro;</li> <li>• Entender a variação da cor da pele dos seres humanos;</li> <li>• Conhecer diferentes cores de pele;</li> <li>• Aprender as representações de horas e minutos;</li> <li>• Identificar os dias da semana, meses e datas comemorativas no calendário;</li> <li>• Identificar a hora no relógio de ponteiro;</li> <li>• Perceber como o sol era utilizado para medir o tempo nas antigas civilizações;</li> <li>• Conhecer os adjetivos e substantivos nas frases;</li> </ul>
3 SEQUÊNCIA	<p><b>PRIMEIRO DIA:</b></p> <p>1º momento: receber os alunos, fazendo um círculo para a contação de um conto “O sapo apaixonado” de Max Velthuis, que trata sobre as diferenças. Mas primeiro, perguntar se eles sabem o que é um conto, após deixá-los esclarecidos disso, começarei a contar a história. Nele irei abordar sobre as diferenças entre os personagens do conto, as características de cada animal da história, sua função na natureza para mostrar que todos são importantes e nenhum é melhor que outro, as relações deles no ambiente em que vivem, em que pode ser trazido também para a realidade deles. Ainda pode ser abordado medidas de tempo como dias da semana, horas e minutos presentes na história. Bem como, a produção de texto modificando o final da história, para esse primeiro momento de sondagem para que eu possa identificar a que nível de leitura e escrita eles se encontram. Depois da leitura discutiremos sobre a história.</p>

2º momento: depois do momento da sondagem com a produção de texto, modificando o final da história cada um irá ler seu final e falar se gostou do conto, e porque escolheu aquele final para a história. Assim que todos leem seu final, vamos perceber que poderia ter sido feito de várias maneiras, tendo finais felizes ou não. Sempre indagando-os a pensar a respeito das diferenças no conto. Se eles gostaram do final da história. Se os surpreendeu. E porque o autor escolheu um final feliz? E se não tivesse final feliz o porquê disso? E nesse conto o final poderia ter sido triste? Porque? Esses questionamentos irão nortear a nossa conversa para que eles possam perceber como a diversidade está presente no nosso dia-a-dia.

3º momento: No terceiro momento eles irão me entregar suas produções para que eu possa ver a escrita deles para que possa me guiar para as próximas atividades. Após a entrega, passarei a história “O patinho feito” que acredito que eles já conheçam, para que agora eles percebam de uma maneira diferente após toda a discussão. O vídeo contendo a história tem duração de 9 minutos, mostrando como o patinho era excluído por todos onde morava e como se sentia, por isso. Esse exemplo cabe para trazermos a realidade de muitos alunos quando chegam à escola e não são acolhidos pela turma e a necessidade de respeitar o outro, do jeito que é, entendendo que todos são diferentes e ninguém é igual.

#### SEGUNDO DIA:

1º momento: remeter ao que foi discutido na aula anterior, perguntando se eles ainda lembram da história e agora voltar a mesma, com um olhar sobre a estrutura do texto, de modo que eles terão que identificar alguns substantivos e adjetivos. Para isso, irei perguntar se eles sabem a definição desses termos na frase e depois explicar cada um deles. Farei exemplos de frases no quadro para que eles possam identificar. Chamarei alguns alunos para circular o substantivo e adjetivo de frases simples no quadro, pedirei que eles deem exemplos de frases também, contendo os dois. Depois disso, passarei uma tarefa contendo frases do conto, para que eles possam identificar o substantivo e adjetivo e questões sobre compreensão de texto.

2º momento: Eles irão responder a tarefa, para que depois possamos corrigir juntos.

3º momento: No terceiro momento irei propor o jogo “Cara a cara” em que as crianças terão que adivinhar quem é a pessoa daquela carta que seu adversário pegou. Assim, terão rostos de 12 pessoas com seus respectivos nomes e características individuais. As cartas serão no total 24, e embaralhadas para cada jogador pegar somente 12. Assim, o jogo terá quatro rodadas e cada jogador terá

que pegar uma carta por vez e esconder a sua carta para o adversário não ver o rosto da pessoa. Ele portanto, terá que adivinhar quem é, fazendo perguntas sobre as características da pessoa. Se é branco ou negro, se tem cabelo liso ou cacheado, se está com cabelo preso ou solto, se tem cabelo ou não, se tem barba, se usa óculos. As respostas só poderão ser dadas utilizando “Sim” ou “Não”. Cada um terá um minuto para adivinhar quem é, se não conseguir passa a vez para o outro. Ganha quem acertar mais cartas.

### TERCEIRO DIA:

1º momento: Neste dia irei fazer uma abordagem sobre a cor da pele. Indagando o porquê de algumas pessoas têm pele mais escura que outras, qual a relação disso com o racismo, preconceito? E como os negros foram escravizados não só pelo fato de ter uma pele mais escura, e teve outros motivos que irei aprofundar mais com eles e perguntar se eles sabiam disso. Indagá-los se a cor da pele pode julgar alguém melhor de que o outro, o que determina essa variação de cor. Explicar que a melanina e a incidência do sol contribui para a variação da cor da pele, bem como pelos nossos ancestrais que de acordo com sua localidade sofria mutações genéticas que herdamos até hoje. Após esse momento de explicações, mostrar através de imagens diferentes cores de pele. Depois disso reproduzir a música “Mundo colorido”, enfatizando o respeito e valorização da diversidade.

2º momento: Nesse segundo momento irei enfatizar a cor negra e como ocorreu o processo de escravidão, perguntar se eles sabem que a cor negra está localizada em maior número na África. Falar um pouco da escravidão, como os negros eram vistos porque possuíam uma cor da pele diferente dos europeus. Logo após, reproduzir um vídeo curto com duração de 6 minutos sobre o processo de escravidão do negro no Brasil e como eles são vistos hoje pela sociedade brasileira. E depois disso enfatizar alguns heróis negros, como zumbi dos Palmares, mostrar fotos. Assim, que eles entenderem que os negros não foram escravizados sempre, mas que também foram heróis, tinham suas famílias, povos, etc. Depois de reproduzir o vídeo perguntar sobre o que eles entenderam, se eles sabiam como os negros eram vistos, e o motivo da cor da pele ser algo tão irrelevante, que se dividiam em hierarquias, os ricos eram os brancos e o negros tinham que servir aos ricos.

3º momento: Propor uma atividade de identificação, em que cada criança receberá uma ficha onde vai descrever como ela é. Na ficha consta perguntas sobre idade, cor dos olhos, cor da pele, cor do cabelo, tipo de cabelo, tipo físico (magro ou gordo), cor favorita e a última será a respeito do que cada um é bom em fazer alguma

coisa, pode ser: desenhar, estudar, pintar, etc. O importante é que todos participem e reflitam sobre si mesmo, e como eles conhecem o outro. Entretanto, não poderão mostrar as respostas aos colegas, já que tentaremos adivinhar quem é quem juntos, a partir das respostas dadas por eles. Assim que todos me entregar, começaremos as adivinhações.

#### QUARTO DIA:

1º momento: Iniciar a aula perguntando se eles gostaram da atividade do dia anterior relembrar um pouco da história do primeiro dia. E adentrar sobre o conteúdo de medidas de tempo (dias da semana, hora e minuto). Assim, mostrarei imagens de medidas de tempo (relógio analógico, digital, ampulheta, calendário) perguntando se conhecem, se sabem quantas horas tem um dia, quantos minutos tem uma hora, quantas dias tem uma semana, quantas semanas tem um mês, entre outros. Em seguida, passarei um vídeo com duração de 5 minutos explicando brevemente como as horas eram marcadas antes da criação do relógio que conhecemos hoje, bem como se deu a criação do calendário. Iremos discutir sobre o vídeo. Depois desse momento de sondagem, irei levar um relógio em cartolina em que, após as explicações sobre as medidas de tempo usadas no nosso dia-a-dia pedirei que cada um meça nos ponteiros do relógio e indique a hora específica que falarei. Cada um terá que representar uma hora diferente. A medida que cada um for terminando mostrarei a representação da hora em relógios digitais. Desse modo verão as duas representações de horas para uma mesma unidade de tempo.

2º momento: Depois disso, vou dividir a sala em grupos de três, ou duplas, em que cada grupo receberá relógios feito de papel e terão que encontrar a hora exata para cada relógio. A hora exata estará em papéis juntos com outras horas embaralhadas. Assim que forem terminando irei conferir se as horas correspondem a mesma dos relógios e os que estiverem com dificuldade ajudarei a encontrar, para que possamos caminhar para a outra atividade, com a segunda medida de tempo que corresponde ao calendário. Assim que todos terminarem vamos todos juntos conferir se as horas estão certas.

3º momento: No terceiro momento irei abordar o calendário como medida de tempo, farei perguntas como: quantos meses tem um ano? Quantas estações do ano nós temos? Em que mês elas se encontram? Quais são os nomes dos meses do ano? Entre outras perguntas, para que eu consiga perceber o que eles já sabem sobre o calendário. Em seguida mostrar um calendário e pedir que eles contem quantos dias da semana temos e quantos meses durante um ano. Observar que dias eles têm que ir para a escola durante a semana e perguntar o porque eles não vão no sábado e no domingo. Irei perguntar que dia e mês cada um nasceu para juntos

	<p>identificarmos no calendário, vamos contar quantos aniversariantes tem em cada mês e perguntar a eles se sabem quais os feriados que eles sabem que podem estar presentes naquele mês. Depois as datas comemorativas que temos ao longo do ano, perguntando quem comemorou.</p> <p>QUINTO DIA:</p> <p>1º momento: Para este último dia de regência será destinado para o momento de avaliação sobre tudo que foi feito. Explicarei como funciona. Dessa forma vou propor uma brincadeira chamada ‘Estoura balão’ em que darei um balão para cada um, e nele estará uma pergunta que deve ser respondida sobre o que acharam das atividades, se gostaram, se tem sugestões, o porquê gostaram, entre outras. Cada um terá que estourar seu balão, um de cada vez, pegar a pergunta ler em voz alta para os colegas ouvirem e respondê-la. Com essa avaliação irei perceber onde terei que melhorar, perceber a visão deles diante delas e como essa experiência irá servir para minha formação.</p> <p>2º momento: iniciamos a brincadeira. E depois dela, pedir que eles avaliem os materiais usados durante as aulas, os materiais estarão listados numa cartolina e eles terão que colocar um <i>emoji</i> para dizer se gostaram ou não daquele determinado material usado. Na tabela estará presente os seguintes materiais: vídeos, brincadeiras, jogos, tarefas, contação de história, quadro e fotos.</p> <p>3º momento: Registro da despedida (foto)</p>
4 METODOLOGIA	<p>A metodologia utilizada será a contação de histórias, exposição oral de conteúdos, de vídeos, atividades escritas, utilização de imagens para ilustrar o que se pretende, leituras, conversas sobre o tema, perguntas, escuta da fala dos alunos. Bem como, a participação dos alunos nas atividades realizadas de modo que os objetivos sejam alcançados.</p>
5 MATERIAIS E RECURSOS	<p>Livro infantil Papel Tesoura Notebook Cartolina Cola Eva Isopor</p>
6 AVALIAÇÃO	<p>A ferramenta avaliativa consiste na observação sistemática da participação e envolvimento das crianças com as atividades propostas, assim como as produções feitas por elas. Além disso, perceber no decorrer das atividades a presença da autonomia das crianças, no que diz respeito a interação, o respeito, ajudar o outro a compreensão do conteúdo, contribuindo na construção da identidade e principalmente, dar significado aos saberes</p>



	desenvolvidos ao longo da mesma.
REFERÊNCIAS	<p><b>O sapo apaixonado.</b> Disponível em:  <a href="http://www.fabulasecontos.com/category/valores-e-caracteristicas-dos-contos/contos-sobre-racismo-ou-diferencas/">http://www.fabulasecontos.com/category/valores-e-caracteristicas-dos-contos/contos-sobre-racismo-ou-diferencas/</a>&gt; Acesso em: 25, abril, 2018.</p> <p><b>O patinho feio.</b> Disponível em:  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=IJWJvxRPQuw">https://www.youtube.com/watch?v=IJWJvxRPQuw</a> Acesso em: 25, abril, 2018.</p> <p><b>Mundo colorido.</b> Disponível em:  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=v7kaB4ARxP4">https://www.youtube.com/watch?v=v7kaB4ARxP4</a> Acesso em: 25, abril, 2018.</p> <p><b>A história dos Africanos no Brasil.</b> Disponível em:  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=-UrOzYgy9e4">https://www.youtube.com/watch?v=-UrOzYgy9e4</a> Acesso em: 25, abril, 2018.</p> <p><b>Blog do geninho.</b> Disponível em:  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=vJK2cfAtFiA">https://www.youtube.com/watch?v=vJK2cfAtFiA</a> Acesso em: 25, abril, 2018.</p> <p><b>Revolta dos males.</b> Disponível em:  <a href="http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/rev_males.html">http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/rev_males.html</a></p> <p><b>História de alguns heróis negros no Brasil.</b> Disponível em:  <a href="http://www.contee.org.br/blogsfemea/index.php/2013/11/conheca-a-historia-de-alguns-herois-e-heroínas-negras-no-brasil/#.WvUUbqQvzIV">http://www.contee.org.br/blogsfemea/index.php/2013/11/conheca-a-historia-de-alguns-herois-e-heroínas-negras-no-brasil/#.WvUUbqQvzIV</a></p>

## **APÊNDICE B - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

### **ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURA COM OS PROFESSORES SUPERVISORES**

1. Como você percebe/avalia o Estágio supervisionado?
2. Você acha que o Estágio contribui para a formação docente? Como ?
3. Você considera que o Estágio contribui para a escola (alunos e professores)? Explique.
4. Você acha que há alguns limites/lacunas no Estágio Supervisionado? Explique.
5. Qual é seu papel como supervisora de Estágio? Como você faz esta supervisão?
6. O que você gostaria de acrescentar acerca deste tema (Estágio)?

### **ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS PROFESSORES ORIENTADORES**

1. Quais as principais orientações que devem ser feitas ao aluno/estagiário?
2. Como você avalia o Estágio supervisionado, de um modo geral?
3. Como você avalia o Estágio da UFPB?
4. Na sua perspectiva, como o Estágio pode contribuir para a aprendizagem dos alunos nas escolas e o trabalho do professor?

## APÊNDICE C - JOGO “CARA A CARA”



**APÊNDICE D - TAREFA SOBRE O CONTO****ATIVIDADE**

Nome: \_\_\_\_\_

**1. Identifique os substantivos e adjetivos das frases abaixo, circulando os substantivos e grifando os adjetivos.**

- a) O sapo estava sentado à beira do rio.
- b) Então encontrou o porquinho.
- c) O sapo continuou seu caminho. Estava preocupado.
- d) Depois passou por casa da Lebre.
- e) Entra e senta-te um bocadinho – disse a Lebre, muito simpática.
- f) A lebre pensou muito, como um verdadeiro médico.
- g) O porquinho assustou-se muito quando o Sapo de repente caiu do céu.
- h) Estou apaixonado pela linda e adorável Patinha branca.

**2. Responda as questões abaixo referente a história “O sapo apaixonado”.**

- a) O Sapo se apaixonou por qual animal na história lida?

\_\_\_\_\_

- b) O que o Sapo fez para conquistar a Pata?

\_\_\_\_\_

- c) A Pata gostou dos presentes que recebeu do Sapo?

\_\_\_\_\_

- d) Porque o Sapo pensou que estava doente?

\_\_\_\_\_

- e) O que o Sapo queria? Ele conseguiu?

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE E - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**

**Quem sou eu?** \_\_\_\_\_

1. Tenho \_\_\_\_\_ anos

2. Qual a cor da minha pele?

( ) Branca

( ) Parda

( ) Negra

3. A cor dos meus olhos é:

( ) Azul

( ) Verde

( ) Preto

( ) Castanho

4. Minha cor favorita é

\_\_\_\_\_

5. Meu cabelo é:

( ) Liso

( ) Cacheado

( ) Ondulado

( ) Crespo

6. Como eu sou?

( ) Magro

( ) Gordo

7. Qual a cor do meu cabelo?

( ) Loiro

( ) Castanho

( ) Ruivo

( ) Preto

8. Sou muito bom em?

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE F – RELÓGIO**